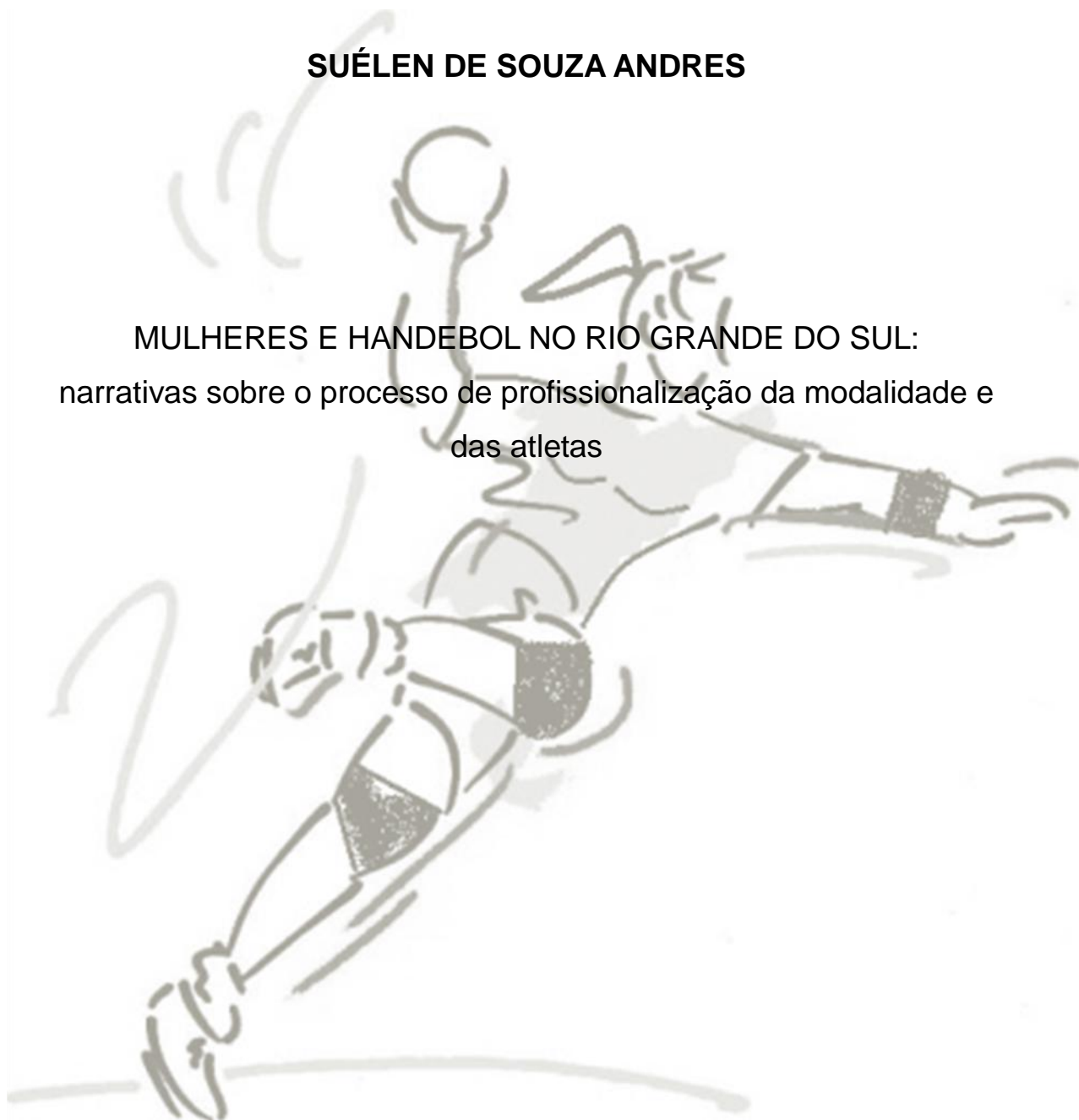


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

SUÉLEN DE SOUZA ANDRES

**MULHERES E HANDEBOL NO RIO GRANDE DO SUL:
narrativas sobre o processo de profissionalização da modalidade e
das atletas**



Porto Alegre
2014

SUÉLEN DE SOUZA ANDRES

**MULHERES E HANDEBOL NO RIO GRANDE DO SUL:
narrativas sobre o processo de profissionalização da modalidade e
das atletas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof^a Dr^a Silvana Vilodre Goellner

**Porto Alegre
2014**

CIP - Catalogação na Publicação

Andres, Suélen de Souza
MULHERES E HANDEBOL NO RIO GRANDE DO SUL:
narrativas sobre o processo de profissionalização da
modalidade e das atletas / Suélen de Souza Andres. -
- 2014.
100 f.

Orientadora: Silvana Vilodre Goellner.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Mulheres. 2. Handebol. 3. Profissionalização.
4. Esporte. I. Goellner, Silvana Vilodre, orient.
II. Título.

SUÉLEN DE SOUZA ANDRES

MULHERES E HANDEBOL NO RIO GRANDE DO SUL:
narrativas sobre o processo de profissionalização da modalidade e das atletas

Conceito final:

Aprovada em 29 de Setembro de 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Paulo Stigger - UFRGS

Prof. Dr. Mauro Myskiw - UFRGS

Profa. Dra. Angelita Alice Jaeger - UFSM

Orientadora - Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner - UFRGS

Este trabalho não poderia ser dedicado à outra pessoa senão àquela que soube compreender e compartilhar todos os momentos e, principalmente, os sentimentos e os sonhos que nos cercam diariamente. A você, Dani, com todo meu amor, gratidão e carinho.

AGRADECIMENTOS

Por no papel as pessoas que fizeram parte desses dois anos de mestrado é reconhecer a importância de cada uma durante o processo de construção e finalização dessa dissertação. É no emaranhado de sentimentos que envolvem o fim de mais uma etapa acadêmica, que passo a agradecer aquelas e aqueles que em suas singularidades tornaram essa jornada mais serena.

Agradeço...

A professora Silvana por sua dedicação, amizade e ensinamentos, me mostrando tantas outras possibilidades existentes dentro da Educação Física;

A/Aos professora/es da banca – Marco Paulo Stigger, Angelita Alice Jaeger e Mauro Myskiw - pelo aceite de ler e contribuir com este trabalho;

Aos/as colegas do CEME/GRECCO, em especial...

A Leila pela companhia, amizade e pelos almoços das onze;

As CemeCats pelas risadas, broncas, comilanças, ajudas – enfim, por tornar o trabalho em grupo mais prazeroso e leve;

A Pampis (best friend), mais que uma amiga e minha irmã, companheira em todos os momentos, em especial nos cafés da vida, momento na qual refletimos nossos sonhos e anseios.

A Vane, mais que uma colega de ap, uma amiga;

A Diunes e o Cezar, pessoas de grandes corações;

A Dani e a nossa gata Uva por serem meu porto seguro;

As minhas famílias...

Meu pai Delci, mãe Edi e irmãs e irmão, Gabriela, Eloisa e Rafael por entenderem minhas escolhas e me apoiarem incondicionalmente;

Ao meu sobrinho Yuri simplesmente por existir;

Ao meu pai José, Cris e meu irmão Victor por fazerem parte da minha caminhada;

Também gostaria de agradecer a CAPES, ESEF e o Programa de pós-graduação;

Assim como também gostaria de agradecer ao Gabriel Citton e o Rafael dos Santos da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul que oportunizou que eu

entrevistasse suas atletas para essa dissertação;

As atletas por disponibilizarem um tempo de seus treinos para ceder à entrevista. Sendo elas:

Alessandra Ares, Daniele Coelho Mateus, Luiza Pieruccini Boff, Larissa Weissheimer, Lais Bordin da Silva, Kassiane Oliveira de Lemos, Juliana Borges Lima, Pietra Gauer Pasqualon, Samara da Silva Vieira, Stefanni Rayane Matto, Tamara Christinny Serra Aragon, Tais Regina Mello, Tuanna Letícia Silva da Luz, Winnie Jenifer Moreno Cândido e Danielle Jóia.

Aos professores Iradil Antonello, Juan Pablo Greco, Francisco Camargo Netto e Celso Giacomini;

E por fim, agradecer as pessoas que por ventura deixei de mencionar, mas que de alguma forma fizeram parte desses dois anos.

Obrigada!

**Meu caminho é o gol
Meu cenário é a quadra
Meu instrumento é H3L
Minha profissão é fazer gol é
derrotar na hora do jogo
Meu erro é pecar no ataque
Meu conforto é acertar a defesa
Minha paixão é praticar Handebol
Minha habilidade é a rosqueta
Minha alma é a bola
Meu caminho é o arremesso
Minha companhia é a torcida
Meu amigo é o Stabil
Minha união é o time
Meu desejo é a vitória
Meu remédio é o suor
Meu inimigo é o goleiro
Meu imprevisto é o marcador
Meu ódio é perder
Meu sonho é o título
Meu verbo ganhar
Minha fala é o grito
Meu medo é a derrota
Meu sonho é ser jogador/a
profissional
Meu espírito é Handebol
Minha vida é jogar Handebol
Autor/a desconhecido/a**

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar o processo de profissionalização de atletas praticantes de Handebol de um time do Rio Grande do Sul considerando, sobretudo, suas narrativas acerca do que entendem sobre ser profissional do Handebol. Sua fundamentação teórico-metodológica está ancorada na História Oral cuja forma de captação de informações está centrada na realização de entrevistas com pessoas significativas ao contexto analisado. Considerando que o lócus da investigação foi a equipe APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul, sediada na cidade de Caxias do Sul, foram realizadas entrevistas com todas as atletas da equipe além de seu preparador físico. Com o objetivo de ampliar o quadro empírico também foram entrevistados quatro pessoas cuja história de vida está relacionada ao Handebol regional e nacional. A análise dessas entrevistas foi realizada considerando os objetivos da pesquisa e o referencial teórico que a fundamenta de onde emergiram dois eixos temáticos: como se dá o processo de profissionalização das atletas envolvendo suas narrativas sobre essa profissionalização e o esporte espetáculo no qual discuto aspectos relacionados à patrocínios, a relação com a mídia, a visibilidade da modalidade e a presença de público nos espaços de competição. A partir das análises foi possível verificar apesar do Brasil obter conquistas significativas e do Rio Grande do Sul apresentar uma equipe consolidada e reconhecida, o Handebol praticado por mulheres vive de uma pseudoprofissionalização cuja estrutura oferta condições ainda precárias para que as atletas possam viver do esporte.

Palavras – chave: Mulheres; Handebol; profissionalização.

ABSTRACT

This paper has as a goal to analyze the professionalization process of the handball female athletes in a team from Rio Grande do Sul, considering specially its issues about what is being a handball professional in their opinion. Its methodology is based in the oral history, that were collected by interviews with people who are connected to the context analyzed. Considering that the center of the investigation were the APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul team, located in Caxias do Sul city, the interviews were realized with all the team athletes, and their coach. To enrich the research, four more people - who their life stories are connected with the local and national handball history – were also interviewed. The analysis of the results considered the target of this study and the theoretical reference, that brings to light two issues: how the process of athletes professionalization happens, involving its narratives about the professionalization and the sport's show, where I discuss aspects related to sponsors, the relation with media, the handball visibility and the audience during the competitions. With the analysis, it was possible to identify that despite Brazil's team had good results, and Rio Grande do Sul had a recognized team, the Handball practiced for women lives a pseudo-professionalization, with conditions that don't permit the female athletes have the sport as a way of live.

Key-words: Women; Handball; Professionalization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Handebol brasileiro nos Jogos Olímpicos.....	17
Ilustração 2 – Handebol brasileiro nos Jogos Pan-Americanos.....	18
Ilustração 3 – Representação Hipotética de uma cadeia de referencias.....	40
Ilustração 4 – Representação da cadeia de referencias para esta pesquisa....	40
Ilustração 5 – Depoentes quadro A.....	46
Ilustração 6 – Depoentes quadro B.....	47
Ilustração 7 – Atletas e seus estados.....	50
Ilustração 8 – Foto da camiseta de jogo de 2014 da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.....	76
Ilustração 9 – Imagem referente a captação de recursos pela APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.....	77
Ilustração 10 – Notícia publicada pelo O globo.....	81
Ilustração 11 – Propaganda do Banco do Brasil veiculada na Zero Hora.....	82

SUMÁRIO

RESUMO.....	09
LISTRA	DE
ILUSTRAÇÕES.....	11
1 MULHERES E HANDEBOL NO RIO GRANDE DO SUL: NARRATIVAS SOBRE O PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DA MODALIDADE E DAS ATLETAS.....	1
5	
2 PREPARATIVOS PARA O JOGO: CONHECENDO OS MARCOS TEÓRICOS.....	22
2.1 A modalidade: Handebol.....	23
2.1.1 <i>Surgimento do Handebol.....</i>	23
2.1.2 <i>Do Handebol de campo ao Handebol de salão.....</i>	26
2.1.3 <i>O Handebol no Brasil e no Rio Grande do Sul.....</i>	27
2.2 As Titulares do jogo: mulheres e esporte.....	29
2.3 A bola do jogo: considerações acerca da profissionalização do(s) esporte(s).....	32
2.3.1 <i>Os gomos da bola: entre o amadorismo e o profissionalismo.....</i>	32
3. ENTRANDO EM QUADRA: CAMINHOS PERCORRIDOS PARA RECONHECER	O
TEMA.....	35
3.1 Treinando os passes na elaboração de fontes.....	35
3.2 A tática de jogo pode definir a partida: definição teórico- metodológica.....	43

**4 PRÉ-TEMPORADA: OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELAS ATLETAS
ATÉ O ALTO
RENDIMENTO.....48**

- 4.1 Primeiro treino: conhecendo a equipe APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul e suas atletas.....48
- 4.2 Do banco para o jogo: as transições feitas pelas as atletas até o esporte profissional.....53
- 4.2.1. *Da arquibancada para a quadra: a família no jogo.....61*
- 4.3 A partida começou e ninguém está brincando.....64
- 4.4 Entre o banco e a quadra os sonhos e as frustrações no Handebol.....69

**5 JOGO SEM BOLA: SÓ RECEBE QUEM
APARECE.....74**

- 5.1 Nem só de número é feito a camisa que a atleta veste.....74
- 5.2 Entre passes e dribles as mulheres marcam gol.....79

**APITO FINAL: É SÓ A PRIMEIRA PARTIDA DA
TEMPORADA.....88**

REFERÊNCIAS.....92

- APÊNDICE A - ROTEIRO PARA ENTREVISTAR AS ATLETAS.....99
- APÊNDICE B - ROTEIRO PARA ENTREVISTAR TREINADORES.....101
- ANEXO A - CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS SOBRE
DEPOIMENTO ORAL.....102

1 MULHERES E HANDEBOL NO RIO GRANDE DO SUL: NARRATIVAS SOBRE O PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DA MODALIDADE E DAS ATLETAS

No Brasil, infelizmente, handebol não é como futebol. Para ser jogadora profissional, tem que ser aqui na Europa, não tem jeito. Estou aqui faz 9 anos, jogando e treinando contra os melhores jogadores. Precisa ter esse contato. Na Europa, a gente treina duas vezes por dia. No Brasil, a gente não treina nem todos os dias da semana. Você não podia se entregar 100% ao esporte, porque não dá para viver do handebol, como eu faço aqui na Europa. A situação no Brasil está melhorando agora, com a bolsa-atleta. Quando eu comecei, não tinha dinheiro para pagar passagem, comer direito, nada¹ (NASCIMENTO², 2012, p. s/n)

Início este trabalho recorrendo à entrevista de Alexandra Nascimento, primeira atleta entre homens e mulheres do Brasil a receber o prêmio de melhor jogadora de Handebol do mundo. Sua fala relata, em parte, a situação em que se encontra o Handebol no cenário brasileiro e possibilita pensar sobre as condições que se encontram mulheres dentro do contexto profissional desta modalidade esportiva, entendendo por profissional³ aquele/a que vive do e para o esporte.

Diante disso, cabe refletir que, por mais que a participação das mulheres nas diferentes práticas corporais e esportivas venha aumentando gradativamente nas últimas décadas, “as relações de poder exercidas entre homens e mulheres no campo esportivo, tem se configurado em posições e acessos extremamente desiguais” (JAEGER, 2006, pg. 200). Essa afirmação demonstra que a maioria das mulheres que adentram determinadas modalidades esportivas não possuem as mesmas condições que os homens

¹Entrevista encontrada em <http://www.foxsports.com.br/noticias/90895-alexandra-nascimento-a-primeira-brasileira-a-ser-eleita-a-melhor-jogadora-de-handebol-do-mundo>;

² Alexandra Nascimento, Melhor jogadora de Handebol do mundo pela International Handball Federation em 2012, em entrevista a FoxSport.com;

³ No Inciso III do Artigo 217 da Constituição Federal, estabelece como Esporte profissional aquele em que, em tese, o/a atleta recebe remuneração pela sua atuação estando regulamentado pelas leis trabalhistas;

para investir na carreira de atleta, o que pode ser percebido na diferença entre oportunidades, incentivos, salários e visibilidade midiática. (GOELLNER, 2006; MOURÃO, 2000).

Essa diferenciação existente entre homens e mulheres no contexto esportivo, em específico em algumas modalidades identificadas como mais apropriadas aos homens em função de sua prática “violenta”, se deve em grande parte à utilização dos binarismos mulher/feminina versus homem/masculino que sustentou e vem sustentando a participação e permanência de mulheres em varias práticas corporais e esportivas. Com base nas explicações biológicas, as práticas corporais permitidas às mulheres tinham/tem que proporcionar flexibilidades, agilidade, leveza e suavidade aos seus gestos, pois essas manteriam sua feminilidade e deixaria o corpo forte para a maternidade (GOELLNER, 2005), (JAEGER, 2006) como se pensara outrora, ou para a adequação a um dado modelo de corpo feminino consoante aos aspectos estéticos da magreza, beleza e sensualidade.

Na atualidade podemos visualizar a participação das mulheres nas mais variadas práticas esportivas, contudo ainda é forte a divisão de práticas para homens e mulheres. Por mais que hoje não haja uma lei que proíba as mulheres de praticarem determinados esportes como aconteceu outrora⁴, podemos visualizar um desencorajamento na sua inserção em algumas modalidades, em especial aquelas consideradas masculinizantes ou socialmente identificadas como de apropriação dos homens.

Ao lançar meu olhar para o Handebol me aproprio da classificação referenciada por Fernando Jaime Gonzáles (2004) que, assim como o futebol, o futsal, o rúgbi e o basquete o caracteriza como *esporte de invasão*, uma vez que têm como objetivo invadir o setor defendido pelo adversário para pontuar, ao mesmo tempo em que, protege simultaneamente o seu setor.

Sendo considerado como “um esporte de confronto e agressividade”, o Handebol foi aceito no Brasil “como esporte feminino com mais facilidade do que o futebol” (MOURA et al, 2010, p. 02), ainda que na literatura se encontre

⁴Em 1941 foi deliberado o Decreto lei 3199, publicado pelo Conselho Nacional de Desportos que proibia as mulheres a praticarem esportes que não fossem adequados a sua natureza. Em 1965, com a deliberação 7, foi estabelecido algumas regras sobre a participação das mulheres nos esportes, proibindo a prática de varias modalidades (CASTELLANI FILHO, 1994).

sua adjetivação como um esporte masculino (TEIXEIRA & MYOTIN, 2001). Pensar as relações de gênero no campo esportivo ajuda a problematizar e compreender como e por que a participação das mulheres em determinadas práticas ganham maior ou menor visibilidade. Desta forma, visualizar o Handebol praticado por mulheres⁵ como campo de estudo sinaliza a pensar a construção dessas atletas e sua atuação como profissionais da modalidade.

Visto isso, um dos motivos que me leva a pesquisar este tema específico recai nos resultados que a Seleção Brasileira de Handebol praticado por mulheres vem conquistando em campeonatos de grande porte. Nos quadros abaixo podemos visualizar a caminhada que o Handebol brasileiro vem trilhando nos Jogos Olímpicos, Pan-americanos e nos Mundiais de Handebol Feminino, nos quais a prática das mulheres tem sido mais bem sucedida que a dos homens.

HANDEBOL BRASILEIRO NOS JOGOS OLÍMPICOS

1936 – Berlim/Alemanha

Entrada do Handebol nos Jogos Olímpicos

1972 – Munique/Alemanha

Primeira participação da Seleção de Handebol de Homens

1976 – Montreal/Canadá

Primeira participação da Seleção de Handebol de Mulheres

1992 – Barcelona/Espanha

Seleção de Handebol de Homens – 12º lugar

1996 – Atlanta/USA

Seleção de Handebol de Homens – 11º lugar

2000 – Sydney/Austrália

Seleção de Handebol de Mulheres – 8º lugar

2004 – Atenas/Grécia

Seleção de Handebol de Mulheres – 7º lugar

Seleção de Handebol de Homens – 10º lugar

2008 – Pequim/China

Seleção de Handebol de Mulheres – 9º lugar

Seleção de Handebol de Homens – 10º lugar

2012 – Londres/Reino Unido

Seleção de Handebol de Mulheres – 6º lugar

Fonte: a autora (2014)

⁵Compartilhando das reflexões de Claudia Kessler sobre a utilização de terminologias “*futebol de mulheres*” e/ou “*futebol praticado por mulheres*” ao invés de “*futebol feminino*” explicando que “a utilização da expressão ‘feminino’ carrega referências ligadas à sexualidade e à feminilidade normativamente impostas” (KESSLER, 2012, p.240) que adoto ao longo deste trabalho “*handebol praticado por mulheres*” ao invés de “*handebol feminino*”.

HANDEBOL BRASILEIRO NOS JOGOS PAN-AMERICANOS

1987 – Indianápolis/USA

Seleção de Handebol de Mulheres – 3º lugar
Seleção de Handebol de Homens – 3º lugar

1991 – Havana/Cuba

Seleção de Handebol de Homens – 2º lugar

1995 – Mar del Plata/Argentina

Seleção de Handebol de Mulheres – 3º lugar
Seleção de Handebol de Homens – 2º lugar

1999 – Winnipeg/Canadá

Seleção de Handebol de Mulheres – 1º lugar
Seleção de Handebol de Homens – 2º lugar

2003 – Santo Domingo/Republica Dominicana

Seleção de Handebol de Mulheres – 1º lugar
Seleção de Handebol de Homens – 1º lugar

2007 – Rio de Janeiro/Brasil

Seleção de Handebol de Mulheres – 1º lugar
Seleção de Handebol de Homens – 1º lugar

2011 – Gualajara/México

Seleção de Handebol de Mulheres – 1º lugar
Seleção de Handebol de Homens – 2º lugar

Fonte: a autora (2014)

O último resultado alcançado pelas atletas nos Jogos Olímpicos de Londres (2012), como também a conquista do ouro, no ano passado, no Campeonato Mundial de Handebol Feminino⁶, em grande parte se deve ao fato de que onze delas atuam em times europeus, os quais oferecem maiores condições para se manterem no esporte e qualificarem sua técnica. Oito dessas atletas atuam no clube Hypo da Áustria que mantêm um convênio com a Confederação Brasileira de Handebol (CbHb) desde 2011. Outras sete atuam em clubes como o (Randers HK (Dinamarca), Krim Ljubljana (Eslovênia), GyöriAudieto KC (Hungria), BeraBera R.T (Espanha), Mios BiganosBassin D'Arcachon/ Issy Paris Hand/ Toulon (França). Cabe destacar que, da última seleção olímpica apenas uma atleta treina no Brasil e está vinculada ao A.D. Blumenau.

Mesmo com esses bons resultados a visibilidade conferida a essas atletas em diferentes segmentos da mídia nacional é muito pequena se comparada, por exemplo, ao Voleibol de mulheres. A visibilidade do Handebol praticado por mulheres fica restrita a algumas páginas específicas que circulam

⁶ O Campeonato Mundial de Handebol Feminino teve início no ano de 1957;

na internet sobre a modalidade, e aqui cito as da Confederação Brasileira de Handebol⁷ (CbHb), International Handball Federation⁸, página da CbHb no Facebook⁹ e a do o Portal do Handebol no Facebook¹⁰. Nesses sites institucionais e de divulgação que são veiculadas notícias sobre acontecimentos relativos ao Handebol, sem distinção às conquistas das mulheres e dos homens nos mais diversos campeonatos realizados.

Além da disparidade de visibilidade conferida a mulheres e homens nas diferentes modalidades, em especial em mídias de maior visibilidade¹¹, também chamo atenção para os diferentes processos de profissionalização e sua invisibilidade, pois enquanto assistimos, lemos e acessamos contratos milionários no mundo do futebol e diversas iniciativas para que o atleta tenha seus direitos trabalhistas, em outras modalidades pouco se sabe como funcionam os contratos e a estimativa de pró-labore e quando praticado por mulheres, fica quase impossível ter acesso a essas informações.

Entre os campeonatos regionais e nacionais de Handebol praticado por mulheres, o de maior renome é a Liga Nacional de Handebol Feminino, criado em 1997 pela CbHb, competição na qual o Rio Grande do Sul (RS) conquistou seu único título no campeonato de 1998 com o time Clube Atlético Cairu/Ulbra/Diadora– RS. Essa informação mobilizou minha atenção para investigar se na atualidade havia equipes do estado do Rio Grande do Sul que participassem da Liga Nacional de Handebol Feminino. Ao realizar a pesquisa, encontrei duas equipes que competem na Liga, sendo elas: a Santa/Feevale/Novo Hamburgo e APAHAND¹²/UCS¹³/Prefeitura de Caxias do Sul.

Considerando o tema específico desta pesquisa, qual seja, a profissionalização no Handebol optei por tomar como lócus de investigação somente APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul, e assim analisar o processo de profissionalização das atletas praticantes de Handebol. Direcionar

⁷<http://www.brasilhandebol.com.br/index.asp>

⁸<http://www.ihf.info/>

⁹<https://www.facebook.com/CbHbConfederacaoBrasileiraDeHandebol?fref=ts>

¹⁰<https://www.facebook.com/portaldohandebol?fref=ts>

¹¹ Aqui dou destaque a canais televisivos e jornais impressos voltado para o público em geral;

¹² Associação de pais e amigos do Handebol;

¹³ Universidade de Caxias do Sul;

a pesquisa para somente uma das equipes foi se configurando pela abertura e pela dinâmica de organização que as mesmas foram demonstrando para realização das entrevistas. Sendo assim, a escolha pela investigação com a APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul ocorreu devido à agilidade do contato feito entre o técnico e sua equipe que de modo muito rápido acatou e autorizou a realização do trabalho empírico desta investigação. Diante disso, ao lançar meu olhar para o Handebol, esporte que tem ascendido mundialmente através de suas conquistas, tendo como protagonistas as mulheres e da escassez de estudos socioculturais que abordem o Handebol, em específico, o praticado por mulheres esse trabalho apresenta as seguintes questões norteadoras:

- Como se dá o processo de profissionalização de atletas praticantes de Handebol de um time do Rio Grande do Sul?

- O que entendem atletas e treinadores de um time de Handebol do Rio Grande do Sul sobre ser profissional do Handebol?

As questões acima apresentadas foram o norte na construção dessa dissertação. Para tanto, passo a apresentar como está estruturado o trabalho.

Dito isso, além do primeiro capítulo que leva o título da dissertação e que teve como objetivo expor os anseios que me fizeram chegar às questões este trabalho, a dissertação possui outros quatro capítulos.

No segundo capítulo intitulado *Preparativos para o jogo: conhecendo os marcos teóricos* procurei ponderar sobre elementos históricos e teóricos com o objetivo de contextualizar o campo pesquisado. Para tanto, discorro sobre *A modalidade: Handebol*, que teve como objetivo apresentar o contexto histórico do Handebol mundial, nacional e alguns apontamentos da modalidade no RS, *As titulares do jogo: mulheres e esporte* tendo como finalidade trazer o debate para a questão das mulheres no contexto esportivo junto a alguns estudos de gênero e por último *A bola do jogo: considerações acerca da profissionalização do(s) esporte(s)* que teve como objetivo trazer subsídios para pensar o processo de profissionalização de atletas de Handebol de uma equipe do RS.

No terceiro capítulo relato os caminhos por mim seguidos na

elaboração das fontes como também exponho o embasamento metodológico seguido a partir da História Oral. No capítulo quatro apresento a equipe para posterior análise as transições feitas pelas atletas até chegarem ao alto rendimento e alguns elementos que permeiam esse processo culminando no que entendem ser profissionais do esporte. No mesmo capítulo ainda discorro sobre os sonhos e frustrações que o Handebol trouxe as atletas.

Por último, no capítulo cinco procurei pontuar algumas questões referentes à mídia, patrocínios, visibilidade e público com o objetivo de dar visibilidade ao contexto do Handebol Gaúcho atual.

2 PREPARATIVOS PARA O JOGO: CONHECENDO OS MARCOS TEÓRICOS

Quando assistimos a um jogo não mensuramos o que está por trás dos 60 minutos que compõem o tempo normal de uma partida de Handebol. Olhamos o que nos é apresentado naquele instante, que são: as equipes que estão atuando em quadra, a/o árbitra/o que monitora a conduta das atletas durante a partida, a comissão técnica que auxilia suas jogadoras em quadra e não poderia deixar de mencionar a torcida, elo que faz desse espetáculo *uma partida de Handebol*.

Ao apresentar o que compõe e cerca uma partida do Handebol, que faço uso desses elementos para expor e nomear os marcos teóricos dessa dissertação. Para tanto, trago três subcapítulos, sendo o primeiro denominado *A modalidade: Handebol*, que tem como objetivo apresentar o contexto histórico do Handebol mundial, nacional e alguns apontamentos da modalidade no RS.

O segundo subcapítulo sob o título *As titulares do jogo: mulheres e esporte* tem como finalidade trazer o debate para a questão das mulheres no contexto esportivo no intuito de discutir junto a alguns estudos de gênero. A escolha de trazer um subcapítulo que abordasse as mulheres no esporte não foi obstante uma escolha neutra, mas cercada de intencionalidades no sentido de dar visibilidade as mulheres esportistas, em específico, para esse estudo, as mulheres atletas de Handebol.

Escolher trabalhar com mulheres além das justificativas já citadas anteriormente, também vem ao encontro do minha aproximação com a temática de gênero deste a graduação quando fiz parte do Grupo de Estudos sobre Diversidade, Corpo e Gênero (GEDCG), sobre a coordenação da professora pesquisadora Angelita Alice Jaeger no curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e, posteriormente o Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) junto do qual desenvolvi

essa dissertação.

O terceiro e último subcapítulo denominado *A bola do jogo: considerações acerca da profissionalização do(s) esporte(s)* têm como objetivo trazer subsídios para pensar o processo de profissionalização de atletas de Handebol de uma equipe do RS.

2.1 A modalidade: Handebol

O Handebol é um esporte praticado em uma quadra dividida em duas partes, jogado por duas equipes de sete jogadores/as em cada lado, sendo seis jogadores/as de linha e um goleiro/a. É um jogo rápido, exigindo de seus/suas praticantes, agilidade, força e rápida tomada de decisão. Jogar Handebol exige tanto esforço quanto outro esporte que se queira jogar profissionalmente. Para tanto, nesse capítulo apresento como o Handebol tem se estruturado enquanto esporte desde seus primórdios.

2.1.1 Surgimento do Handebol

O handebol pode ser chamado, de uma ou outra forma, em repetidas ocasiões, em todas as culturas do mundo desde a Antiguidade, de um jogo estruturado de equipes através de estritas regras e que por algum tempo desapareceu e foi descoberto, para mais tarde ser posto em prática de novo". (DIEM, 1986, p.6 apud ROMERO et al, 2010, p. 05)

Determinar com precisão quando e onde teria surgido o Handebol não é uma tarefa fácil, nem mesmo importante para esse estudo. No entanto, alguma noção sobre sua emergência merece ser aqui destacada, fundamentalmente, porque ao analisar o processo de profissionalização de atletas de Handebol em uma equipe do estado do Rio Grande do Sul carece de uma contextualização histórica que aponte as principais mudanças ocorridas na modalidade desde seu surgimento até sua estruturação atual.

O Handebol como conhecemos hoje recebeu influência de inúmeras práticas¹⁴ que tinham como base o arremesso, correr e saltar. Uma das versões mais divulgadas sobre o seu surgimento indica que o Handebol foi criado na Dinamarca no ano de 1897, com sua ascensão em 1910, impulsionado pela Dinamarca, Alemanha e Suécia (DACOSTA, 2005), (ARANTES, 2010). A prática do Handebol em seu início era feita em um campo com onze jogadores/as. Este modelo de Handebol teria surgido através da iniciativa de dois professores de Educação Física alemães, sendo eles Max Heisen e Karl Schllenz (NAGY – KUNSAGY, 1983); (SILVA, 1983); (VINHAS, 1988); (TENROLLER, 2004).

Sobre o Handebol de campo, Romero et al (2010) apontam que Max Heisen teria organizado partidas de Handebol para funcionárias da fábrica Siemens nos primeiros anos da primeira guerra mundial (1915-1917), enquanto o professor Karl Schllenz, professor de esportes na Escola Alemã de Educação Física, foi responsável, além da criação do esporte, pelo seu desenvolvimento na Áustria, Suíça e Alemanha, onde foi treinador.

Além da participação das mulheres durante o processo de surgimento do Handebol também é destacado que nas primeiras práticas do Handebol, esse era feito somente por mulheres. Fato que foi assinalado por Camargo Netto (1982) apud Silva (2006, p. 16) ao colocar que o

Handebol de Campo inicialmente era praticado somente pelo sexo feminino, em Berlim e num terreno reduzido de 40 x 20 metros. Devido a grande divulgação e o interesse em diversos lugares pela nova modalidade, o próprio Schllenz achou que o jogo poderia ser praticado também pelo sexo masculino, e alterou as regras. As principais mudanças feitas foram o aumento do campo para, inicialmente, 80 x 40 metros e a redução do tamanho da bola.

Gertrud Pfister (s/d) em seus estudos indica que em 1909 a instrutora de ginástica Marie Meyer desenvolveu um jogo chamado "bola de Königsberg"

¹⁴ Segundo Nagy – Kunsagy (1983); Silva (1983); Vinhas (1988) e Tenroller (2004) algumas dessas práticas são: Kemari (Chinesa); Epyskiros/ Urânia (Gregos); Harpastum (Romano); Raffballspiel/ Torbal/ Korbal/ Völkerball/ Baftball/ Feldhandball (Alemães); Hazena (Tchecoslovaco), Balón (Uruguaio); Hallenhanbball (Países Escandinavos); Haandbold/ Handball Danish (Dinamarquês);

sendo identificado como um "jogo de equipe para as mulheres", na qual a bola não era lançada, mas rebatida com o punho ao gol adversário. Tal representação advinha do entendimento de que lançar uma bola com força era um ato esportivo masculino. Assim, em busca de exercícios que poderiam ser praticados por mulheres durante o inverno, o Comitê de Mulheres da Ginástica da Sociedade Berlinense (Berliner Turnrath), juntamente com seu presidente, Max Heiser, criou a partir de outros jogos de lançar e pegar, um novo jogo, no qual as ginastas mulheres lançariam e pagariam a bola com o objetivo de marcar gol, chamando-se Torball.

Segundo Pfister (s/d) este jogo foi mencionado pela primeira vez em um festival realizado pelas mulheres no distrito de Grunewald, em Berlim no dia 29 de agosto de 1915, no ano seguinte as regras de Torball foram oficializadas, sendo disseminada com jogos amistosos na cidade de Berlim. A partir disso em 1917 o Comitê de Berlim Sociedade de Ginástica para meninas e mulheres aprovou as regras estendidas de Torball e seu novo nome Handebol (PFIRTER¹⁵, no prelo).

A presença das mulheres desde os primórdios do Handebol é um fato apontado em algumas narrativas, como vimos outrora, todavia em competições oficiais, como Mundiais ocorridos na Europa ou até mesmo nos Jogos Olímpicos, sua presença como atletas competindo se deu posterior aos homens. Cabe destacar que, o primeiro Campeonato alemão de Handebol foi em 1922 para os homens e para as mulheres em 1923 (LIPPE, 1999).

Nos Jogos Olímpicos a primeira aparição do Handebol foi em 1936¹⁶ na modalidade campo, na qual, somente os homens competiram, depois de um tempo fora dos Jogos Olímpicos, o Handebol, na modalidade salão, retorna aos Jogos Olímpicos de 1972 realizados em Munique (Alemanha), onde novamente só os homens participaram. As mulheres atletas de Handebol só foram fazer sua primeira aparição nos Jogos Olímpicos de Montreal (Canadá) no ano

¹⁵O texto ao qual foi extraído tais informações foi cedido pela pesquisadora Gertrud Pfister com o título *Gendered Discourses and Enactments in Team Handball- an Historical Approach*, ao qual, o mesmo se encontra no prelo pela Revista *Gorr*, Gigliola (ed). Traduções livre pela autora.

¹⁶ Realizado em Berlim – Alemanha, neste evento, a Alemanha venceu Áustria na final por 10 x 6 perante 100.000 pessoas no Olympia Stadium de Berlim. (DACOSTA , 2005)

1976¹⁷, com a participação de seis equipes, com a seguinte classificação final: União Soviética (ouro), Alemanha Oriental (prata), Hungria (bronze), Romênia (4º lugar), Japão (5º lugar) e Canadá (6º lugar).

Podemos perceber que as narrativas históricas sobre o surgimento do Handebol se configurou a partir de inúmeras influências que recebeu até se constituir enquanto um esporte. Interessa aqui salientar que desde o início desta modalidade esportiva houve a participação de mulheres como praticantes, segundo registram os/as autores/as consultados/as.

2.1.2 Do Handebol de campo ao Handebol de salão

As partidas de Handebol de campo aconteciam em campo similar ao de futebol, e as equipes eram compostas por onze jogadoras/es. Suas medidas eram 80m X 40m de comprimento para os homens, sendo para as mulheres as dimensões de 40m X 20m (SILVA, 2006). As regras oficiais se assemelham muito ao esporte que conhecemos hoje, exceto por duas regras: as/os jogadoras/es não podiam ficar mais de cinco segundos com a bola em mão ou correr com ela (SILVA, 2006).

O Handebol de campo chegou ao seu apogeu nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, quando pela primeira e única vez participou de um evento esportivo desta magnitude. Todavia, de acordo com (TENROLLER, 2004, FERREIRA, 1989, SILVA, 1983, LISBOA, 1983, NAGY-KUNSAGI, 1983) houve todo um investimento da Alemanha para manter o Handebol de Campo, seu empenho foi em vão, depois do esforço de juntar oito países para o Campeonato Mundial do Handebol de Campo em 1963, o Handebol de Campo quase se extinguiu.

Depois desta participação histórica do Handebol de campo e das investidas fracassadas de manter um campeonato pela Alemanha, o Handebol de campo ao se extinguir deu lugar ao crescimento do Handebol de salão. Segundo Ferreira (1989) e Silva (1983), alguns motivos colaboraram para a

¹⁷ Jogos realizados em Montreal – Canadá.

ascensão do Handebol de Salão e o declínio do Handebol de campo tais como:

a) O Handebol de salão permite uma maior mudança de jogadores/as que quando comparada ao Handebol de Campo;

b) Com o desenvolvimento do Futebol, os clubes passaram a valorizar mais as categorias de base do Futebol, diminuindo os espaços cedidos para a prática de Handebol.

c) Algumas diferenças nas regras, que deixaria o Handebol de campo mais desinteressante do que o de salão.

d) Com o tamanho dos campos o contato físico das/os atletas ficaria menor se comparado às quadras.

e) O rigoroso inverno que impedia a prática do Handebol de campo por alguns meses.

Atualmente, o Handebol de salão é conhecido somente como *Handebol*, disputado em quadras fechadas com sete jogadoras/es em cada equipe. É jogado em quadras de 40 metros de comprimento por 20 metros de largura, com duas goleiras de três metros de comprimento por dois metros de altura. A bola tem de 58 centímetros a 60 centímetros de circunferência para os homens, e de 54 centímetros a 56 centímetros de circunferência para mulheres e crianças (SEDREZ, 2010).

2.1.3 O Handebol no Brasil e no Rio Grande do Sul

No Brasil, o Handebol foi introduzido principalmente pelos imigrantes alemães na década de 1930, tendo como precursor Emil Shemehlin, na modalidade campo, logo após a Primeira Guerra Mundial sendo mais restrito ao estado de São Paulo até meados da década de 60, quando o professor Augusto Listello oportunizou um curso para professores de outros estados, dando ênfase ao ensino de um Handebol mais didático. (SILVA, 2006), (ARANTES, 2010).

A partir desse curso, o Handebol começou a ser praticado em todos os estados do Brasil, mais especificamente no contexto escolar se efetivando

enquanto uma prática desportiva em 1971, quando o Ministério da Educação e Cultura introduziu o Handebol nos Jogos Estudantis Brasileiros (JEB's) e nos Jogos Universitários Brasileiros (JUB's), (DACOSTA, 2005).

Segundo DaCosta (2005) o Brasil tem hegemonia no Handebol no continente americano nas categorias femininas e masculinas. A International Handball Federation (IHF) em levantamento feito em 2003 apresentou o registro de 687 clubes, dos quais, 384 são equipes de homens e 270 equipes de mulheres, chegando aproximadamente a 200 mil praticantes entre mulheres e homens na categoria adulta e juvenil.

No Rio Grande do Sul de acordo com Celso Luiz Giacomini (2014) a chegada do Handebol ocorreu a partir de um curso oportunizado pelo professor Francisco Camargo Netto na década de 1960. Este curso era:

[...] um curso de... Que eles chamavam de atualizações de professores. Onde juntavam os professores titulados, quer dizer graduados, e os leigos, então, em julho de 1960 eu vim para introduzir o Handebol no Rio Grande do Sul. Bom, foram quinze dias de atividades e tinha mais ou menos umas quatrocentas pessoas no curso, essas pessoas vinham aqui da capital e do interior. (NETTO, 2014, p. 01)

De acordo com as fontes orais, esse teria sido o marco inicial da entrada do Handebol no Rio Grande do Sul, sendo a modalidade em um primeiro momento desenvolvida em escolas e posteriormente em universidades (NETTO, 2014). O seu desenvolvimento na universidade teve início em 1963, após a contratação de Francisco Camargo Netto para ministrar a disciplina de Handebol na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NETTO, 2014). Instituição pioneira no ensino de Handebol em um curso de formação de professores de Educação Física no estado do Rio Grande do Sul.

Na década de 1970 o Handebol já estava presente em escolas de muitas cidades do Rio Grande do Sul, como também já havia adentrado em outros cursos de Educação Física. Nessa mesma época já despontava como um novo ponto de referência do Handebol no estado, a cidade de Santa Maria, localizada na região central do estado. Da qual Iradil Antonello (2013) comenta

sobre o Handebol de Santa Maria

[...] O handebol no Rio Grande do Sul acho que foi mais ou menos em 1970. Eu acho que foi em 1972, 1971. Mas a gente já tinha, por exemplo, as equipes da UFRGS, que já jogava handebol e que surgiu antes de nós. Começamos aqui em Santa Maria, em 1973, mas no Rio Grande do Sul faz mais tempo que começou. O período de nossa maior visibilidade foi quando saímos, no primeiro ano que participamos, campeão nos Jogos Escolares Brasileiros. O momento foi em 1976 e nós começamos a ir pra campeonatos brasileiros com a seleção gaúcha. Eu e o professor Luiz Celso Giacomini. [...] Aqui em 1973 nós já tínhamos forte o handebol feminino; em Santa Maria era fortíssimo. (ANTONELLO, 2013, p. 05)

Vinte anos foi o que separou a inserção do Handebol ao Rio Grande do Sul até o mesmo se tornar referência nacional como apontou Antonello (2014). Nesse sentido, alguns estudos¹⁸ em andamento têm procurado reconstruir o início desta modalidade assim como sua legitimação como uma prática esportiva recorrente nas escolas e universidades gaúchas.

2.2 As Titulares do jogo: mulheres e esporte

Das diferentes modalidades esportivas que conhecemos algumas foram se constituindo historicamente como mais adequadas para homens e outras para mulheres. Diante disso,

[...] a participação feminina no esporte sempre foi alvo de muitas controvérsias. Há algumas décadas, as mulheres eram interdadas de participar de qualquer atividade esportiva, sob diversas alegações, desde sua fragilidade física, passando pela sua condição materna, e até mesmo pelo fato da arena esportiva fortalecer o espírito do guerreiro masculino. Sendo apontado como o único local o qual a supremacia masculina seria incontestável. (HULT apud KNIJNIK e VASCONCELLOS, 2003, p. 02).

¹⁸ Atualmente a graduanda Jamile Mezzono Klanovicz do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e membro do Centro de Memória do Esporte (CEME) vem desenvolvendo uma pesquisa embasada na História Oral com o objetivo de reconstruir a história do Handebol dentro do estado. Diante disso, os dados aqui apresentados sobre a história do Handebol são referentes as entrevistas que a mesma já tem feito;

Afirmações que colocam as mulheres como sujeitos frágeis fisicamente e emocionalmente vem sustentando discursos sobre a participação das mesmas em determinadas práticas corporais e esportivas. Exigindo a necessidade das mulheres esportistas, assim como em outras instâncias sociais, conquistarem seu espaço e garantir o seu reconhecimento (REIS, 1998).

Em função da representação socialmente construída de que algumas modalidades são mais apropriadas para as mulheres, espera-se “[...] que o faça numa actividade desportiva tradicionalmente considerada como feminina” (SILVA, et al, 2006, p.01), na medida em são entendidas como lugares nos quais se preserva sua graça, fragilidade e acima de tudo sua feminilidade, atributos esses considerados “femininos”.

Explicações que se sustentam nos aspectos biológicos do corpo para criar uma dicotomia entre mulheres e homens e de oposição, marcaram e continuam marcando a efetiva participação das mulheres nos mais variados esportes, sendo instituídos, reproduzidos e atualizados constantemente. Goellner (2005) aponta que a polarização feminino/masculino acaba por fixar a naturalização das diferenças sexuais, produzindo representações de gênero que permitem poucos atravessamentos o que, de certa forma, colabora para tencionar a rigidez desses lugares.

Pois sendo o esporte generificado e generificador, cujos espaços e corpos são marcados com base no que “a cultura define como feminino e masculino” (GOELLNER, 2009, p. 11), a prática por mulheres de “esportes socialmente considerados e representados masculinos, tais como futebol e Handebol”. Para algumas delas “é importante serem aceitas tanto como mulheres quanto atletas de elite” (SOUZA & KNIJNIK, 2007, p. 40). Isso significa que mesmo que pratiquem esportes que requerem força, agilidade, confronto e agressividade, atributos considerados masculinos, as mesmas devem trabalhar na manutenção de sua feminilidade através do cuidado ao corpo e seu embelezamento. E mesmo assim, “mulheres atletas têm de lutar constantemente com a ideia de que sua feminilidade e graciosidade estarão irreparavelmente comprometidas em função da prática competitiva do esporte”. (DEVIDE, 2005, p. 37)

Essas questões podem ter uma forte ligação com a forma com que as mulheres atletas são exibidas na mídia, inclusive esportiva. Johanna Coelho Von Mühlen em sua pesquisa de mestrado intitulada “Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re) produzidas pelo Site Terra” destaca as formas como são representados homens e mulheres atletas durante um grande evento esportivo. Nas palavras da autora:

Se a maternidade era motivo para não permitir que elas jogassem, hoje elas jogam, mas precisa ficar claro que podem jogar e ainda ser mães. Se as lutas as deixavam masculinizadas, hoje elas lutam, mas é interessante saber que quando tiram o quimono se tornam mulheres atraentes aos olhares masculinos (VON MUHLEN, 2009, p.123).

Mesmo diante desse quadro geral complexo e desafiador encontrado pelas mulheres no campo esportivo, não podemos posicioná-las enquanto vitimas, pois como afirma Goellner (2011, p. 7):

[...] o esporte é um campo de disputa, ou melhor, é um campo genérico de disputa; em outras palavras, revela como um espaço cujo acontecer está constantemente atravessado por relações de poder. Poder este que se expressa por meio de diferentes formas: nas desigualdades de acesso e permanência no esporte, na quantidade de campeonatos realizados, no incentivo familiar e institucional, no maior ou menor espaço disponibilizado pelos diferentes artefatos midiáticos, nas premiações distintas, enfim, em uma série de situações nas quais se evidenciam distinções para homens e mulheres no entorno do próprio esporte, seja ele praticado como exercício de lazer e sociabilidade ou voltado para alta *performance* e competição..

Diante disso, mesmo não sendo o foco desta dissertação discutir as representações de feminilidades e masculinidades imbricadas nas práticas corporais e esportivas, tais discussões foram o ponto de partida para minha entrada em campo, pois considerando que essas questões influenciam na visibilidade das mulheres em determinadas modalidades esportivas como também na sua inserção e permanência.

Admitir o esporte permeado por relações de poder é ter consciência

que tais relações são determinantes nas distinções que permeiam o campo esportivo, podendo ser percebido na visibilidade, nos incentivos conferidos as diferentes modalidades como também na diferenciação quando se trata de um esporte praticado por mulheres ou quando praticado por homens, sendo que estes elementos contribuem para entender os aspectos profissionais que permeiam o Handebol praticado por mulheres como também sua organização no estado do Rio Grande do Sul. Para tanto, apresento a seguir, o que denominei de “A bola do jogo”, na qual irei discutir alguns conceitos de profissionalização que embasam essa dissertação.

2.3 A bola do jogo: considerações acerca da profissionalização do(s) esporte(s)

Ao analisar o processo de profissionalização de atletas de Handebol em uma equipe do Rio Grande do Sul, fazem-se necessárias algumas considerações acerca do que já foi e vem sendo discutido sobre profissionalização dos esportes, assim como a relação com a produção do esporte espetáculo.

2.3.1 Os gomos da bola: entre o amadorismo e o profissionalismo

Até a década de 1970, o esporte moderno tinha como pilar central o amadorismo, apresentado e defendido como uma prática de tempo livre. Essa condição, segundo Kátia Rúbio (2002, p. 04) “pode ser justificada pela origem aristocrática do esporte e pela necessidade de sua dirigente, não menos aristocrática, manter o controle de sua organização e institucionalização”. Nesse sentido a distinção no esporte entre amadores e profissionais se dava, segundo Marco Paulo Stigger (2005) como

Um dos refúgios distintivos das classes superiores inglesas, no contexto do esporte, foi a defesa do amadorismo (visto como

critérios do esporte dessa camada social contra o profissionalismo (considerado o esporte das classes baixas, que necessitavam compensar o que deixavam de ganhar quando a ele se dedicavam). A crise entre amadorismo e profissionalismo, ocorrida em vários esportes, é uma das chaves para a compreensão do processo de democratização dessa prática, inicialmente reservada a amadores, mas posteriormente democratizada e transformada em espetáculo de massa. (STIGGER, 2005, p. 39)

No mesmo sentido, Rúbio (2002) aponta que o desenvolvimento do esporte moderno sofrera uma “verdadeira mutação” (RÚBIO, 2002, p. 04) com a relação do dinheiro e desempenho esportivo. No mesmo sentido fazendo uma relação com o profissionalismo. Dunning (1992, p. 299) visualiza no esporte moderno uma “tendência no sentido de uma crescente competitividade, seriedade no modo de envolvimento e orientação para os resultados”, fazendo com que os valores amadores ruíssem sendo gradativamente substituídos por valores ligados ao profissionalismo.

O processo de mudança nestes valores foi sentido no que, até então, era a base do Olimpismo, fazendo com que a solidariedade e respeito mútuo fossem trocados por um esporte de alta competição capaz de gerar renda a todos/as envolvidos/as nele. (RUBIO, 2002).

A relação que se estabelece entre o amadorismo e profissionalismo no esporte, descrita por Joanna Lessa F. Silva (2011, p. 64) através das “intencionalidades subjacentes a estas práticas que são atribuídas pelos “indivíduos no plural” durante o processo de esportivização”. A mesma autora ainda complementa que essas atribuições enfatizam o amadorismo em uma perspectiva do lazer, centrada no prazer e divertimento da prática, enquanto o profissionalismo estaria dentro de uma perspectiva do trabalho, buscando resultados e também uma forma de sobrevivência.

A falta de estudos que analisam questões relacionadas ao amadorismo e profissionalismo no Handebol, assim como as escassas informações que circulam sobre a modalidade acabam por localizá-la no que Carravetta (2006) apud Miranda (2007) chama de “pseudoprofissão”, ou seja, como a “situação em que a maioria dos atletas de categorias de base recebe “ajuda de custo” graças a um contrato especial” (MIRANDA, 2007, p. 39).

Miranda (2007), ao comparar o futebol com o Atletismo utilizando o conceito de “pseudoprofissão” de Carravetta (2006) identifica que a

“pseudoprofissão” das categorias de base do futebol é o mais próximo que o atletismo pode chegar no universo do futebol profissional, isto porque a “ajuda de custo”, alimentação, habitação, assistência médica e odontológica existem no atletismo para muitos poucos e em poucos lugares.(MIRANDA, 2007, p. 39)

Se no atletismo é para poucos, no Handebol essa relação de “pseudoprofissão” é muito comum nas equipes em que as atletas atuam. O contrato é firmado com a promessa de garantir alimentação, moradia, assistência médica, estudo (ensino básico e/ou universitária) e o que é frequentemente designado como “ajuda de custo”¹⁹.

Interessa aqui, portanto, a partir de algumas considerações teóricas, problematizar as questões referentes à profissionalização das atletas de Handebol. Dito isso, passo a apresentar os caminhos investigativos que serão fundamentais na construção desse trabalho.

¹⁹ Durante a realização das entrevistas para esta dissertação, uma das perguntas era sobre o valor que recebiam para jogar. Todavia no decorrer das mesmas, com a orientação da comissão técnica da equipe, foi solicitado que não fosse mencionado nenhum valor, como também fosse denominado como “ajuda de custo” e não salário.

3. ENTRANDO EM QUADRA: CAMINHOS PERCORRIDOS PARA RECONHECER O TEMA

Ao escolher o Handebol praticado por mulheres como foco de desta dissertação, fui tomada por alguns sentimentos, que ora me deixavam em êxtase, ora em desespero. As oscilações de tais sentimentos se deram ao fato de ser um campo de pesquisa no qual o contingente de investigações é ínfimo. O fato de ter poucos estudos nessa área me alegrava muito, pois a pesquisa teria um aspecto inédito, mas ao mesmo tempo, em alguns momentos, foi motivo de ansiedade, pois a imensidão do campo me assustava a ponto de não conseguir definir onde olhar. Dito isso, trago a seguir os caminhos investigativos que segui na construção dessa dissertação.

3.1 Treinando os passes na elaboração de fontes

Produzir as fontes de pesquisa para esse trabalho se configurou em um trabalho árduo e minucioso. Em um primeiro momento optei por realizar um levantamento em periódicos científicos, livros, dois Atlas e sites cujo conteúdo focava a História do Handebol, tanto mundial quanto nacional Assim como outras produções acadêmicas que pudessem colaborar com os objetivos da pesquisa.

A partir dessa pesquisa inicial algumas peças foram chave para adentrar um mundo até então obscuro. Inicialmente trago duas publicações: Atlas do Esporte no Brasil organizado por Lamartine DaCosta e publicado em 2005 e Atlas do Esporte do Rio Grande do Sul organizado por Janice Zarpellon Mazo e Alberto Reinaldo Reppold Filho com sua publicação em 2005, por serem obras referenciais do esporte e se mostraram determinantes nesses primeiros passos em busca de fontes, ambos abordam o desenvolvimento do esporte e atividades correlatas. Ao procurar informações sobre o Handebol, no Atlas do Esporte no Brasil encontrei apenas um breve histórico da modalidade e alguns registros sobre a participação em campeonatos e conquistas das

seleções nacionais de homens e mulheres. Já no Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul me deparei com a falta de qualquer registro sobre o Handebol.

Com base nessas duas obras fui à busca de pesquisas que abordassem o tema Handebol em uma perspectiva sociocultural e que ao mesmo tempo apontassem aspectos históricos da modalidade. Deparei-me com duas monografias de graduação. A primeira delas, intitulada *Análise e comparação do conhecimento dos atletas de Handebol de Florianópolis sobre as regras de Handebol*²⁰ tendo como objetivo analisar e comparar o conhecimento dos atletas de Handebol, que disputam os campeonatos regionais, estaduais e nacionais representando o município de Florianópolis, sobre as regras de Handebol através de uma pesquisa descritiva. A segunda sobre *História do Handebol em Minas Gerais*²¹, na qual a autora buscou conhecer a história do Handebol em Minas Gerais, no período que compreende as décadas de 1960, 1970 até meados de 1980 através de depoimentos orais.

Por meio das referências das monografias encontrei alguns livros que, apesar de técnicos, traziam de forma sucinta alguns aspectos históricos relacionados ao surgimento e difusão desta modalidade. Diante disso, o Atlas do Esporte no Brasil, as monografias e os livros ajudaram-me a delinear uma breve narrativa histórica sobre o Handebol.

Depois dessa pesquisa inicial com ênfase nos aspectos históricos desta modalidade esportiva, realizei um levantamento bibliográfico para mapear fontes sobre o Handebol praticado por mulheres. Encontrei apenas uma dissertação defendida em 2001 por Jorge Dorfman Knijnik sob o título *Ser é ser percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil*, na qual o autor procurou através de um inventário, analisar a imagem corporal de equipes de mulheres jogadoras de Handebol de alto rendimento.

Também foram encontrados alguns artigos específicos da área da Educação Física que, ao optarem por uma perspectiva sociocultural, faziam

²⁰ SILVA, Rafael Bertemes. **Análise e comparação do conhecimento dos atletas de handebol de Florianópolis sobre as regras de handebol**. Florianópolis, 2004 (Monografia de graduação) – UDESC.

²¹ ARANTES, Gabriela Villela. **A História do handebol em Minas Gerais**. Monografia de Graduação apresentada a Universidade Federal de Minas Gerais. 2010.

referência a alguns aspectos históricos da modalidade e contemplavam mulheres e homens em suas pesquisas. Dentre elas destacam-se: *Refletindo sobre a agressividade e coragem como qualidades aos atletas de handebol*²², que através de uma revisão de literatura procuraram refletir sobre questões de agressividade e coragem como qualidades a prática do handebol tanto em equipes de homens quanto de mulheres. Outro artigo encontrado foi *A Prática do Handebol na Cultura Físico-Esportiva de Escolares do Rio de Janeiro*²³, nesse artigo os/as autores/as fizeram um mapeamento a partir de uma amostra de estudantes do último ano do ensino fundamental buscando verificar o nível de adesão dos/as mesmos/as na prática do Handebol nas aulas de Educação Física e no lazer; por último localizei o artigo intitulado *Tomada de decisão durante o jogo de handebol*²⁴, este teve como objetivo conhecer como a tomada de decisão pode influenciar o jogo de Handebol, e as razões que levam um atleta a escolher entre uma ou outra opção de jogada e os efeitos dessa escolha no jogo, o estudo foi feito a partir da análise de vídeos de dois grupos distintos em jogos de alto nível.

Além dessas buscas, realizei outras duas tentativas de levantamento de fontes ampliando os temas de busca. Nas bases de dados Scielo e Portal Capes procurei por metadados relacionados à *mulher e esporte* e, mais especificamente, *mulheres e Handebol*. As buscas foram direcionadas inicialmente para os periódicos, todavia todas as publicações que mencionavam as mulheres e o Handebol estavam ligadas às publicações das áreas médicas/biomecânicas/fisiologias/fisiologias do exercício²⁵. Como também, nas mesmas bases de dados, foi feito um levantamento de produções que tivessem como assunto principal *profissionalização*, sendo em um primeiro momento relacionado ao Handebol e em um segundo momento as mulheres.

Nessa pesquisa, a partir dos metadados *Profissionalização do*

²² ROMERO et al; Refletindo sobre a agressividade e coragem como qualidades aos atletas de handebol; **Esporte e Sociedade**; ano 5, n. 13, 2010.

²³ SILVA et al; A Prática do Handebol na Cultura Físico-Esportiva de Escolares do Rio de Janeiro; **Movimento**; v. 17 n. 04, 2011.

²⁴ CASTRO, Jose W.T ; BÔSCOLO, Ester F. M;. Tomada de decisão durante o jogo de handebol. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. v. 08 n. 01, 2009.

²⁵ Nessa pesquisa foram encontrados quatro artigos com o uso dos termos “mulheres e handebol” sendo as temáticas relacionadas a resistência aeróbica, maturação sexual, treinamento esportivo a longo prazo e síndrome pré-mestrua.

Handebol/ Profissionalização no Handebol/ Vivendo do Handebol e Vivendo para o Handebol, nenhuma publicação foi encontrada. Em uma segunda tentativa fiz uma nova busca com os metadados *Profissionalização do esporte/Profissionalização no Esporte* como também *Viver do esporte/Viver para o esporte*.

A partir dessa segunda busca, alguns trabalhos foram encontrados, mas poucos deles tinham a profissionalização como objetivo central de seus estudos, sendo somente mencionada em algum momento do trabalho, mas não analisada em profundidade. Entretanto alguns trabalhos foram encontrados e outros indicados, que ajudaram na compreensão de alguns conceitos como também na análise dos dados dessa dissertação.

Dentre os trabalhos destacam-se as dissertações de Mauricio Pimenta Marques (2008) e Calos Fabre Miranda (2007) sob os títulos *Análise da transição da carreira esportiva de atletas de futebol da fase amadora para a fase profissional* e *COMO SE VIVE DE ATLETISMO: um estudo sobre profissionalismo e amadorismo no esporte, com olhar para as configurações esportivas* e as teses de Wanderley Marchi Júnior (2001) intitulado “*Sacando*” o *voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 – 2000)* e de Osmar Moreira de Souza Júnior defendida em 2013 sob o título *FUTEBOL COMO PROJETO PROFISSIONAL DE MULHERES: interpretações da busca pela legitimidade*.

Os dados sobre atletas e competições mundiais tanto históricos como estatísticos foram encontrados no site da International Handball Federation (IHF)²⁶. Nesta busca percebi que as informações relativas às competições de mulheres e homens, a nível mundial, estão completas para todas as competições na categoria juvenil e adulta, na qual a modalidade Handebol faz parte e estatísticas das competições. Já o site da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb)²⁷ funciona mais como uma página de notícias sobre o que aconteceu e vem acontecendo nas mais variadas competições de Handebol, e em relação as/aos atletas das Seleções Brasileira existe somente uma apresentação técnica das/os mesmos. Outras duas páginas na internet:

²⁶ <http://www.ihf.info/>

²⁷ <http://www.brasilhandebol.com.br/>.

Confederação Brasileira de Handebol²⁸ e Portal do Handebol²⁹, ambas do Facebook, tem me chamado a atenção, pois contemplam dados atualizados em relação, por exemplo, a campeonatos, a carreira de atletas e demais notícias relativas ao Handebol.

Ao mesmo tempo em que eu procurava luz nas poucas publicações que encontrei, foi justamente numa conversa informal com uma amiga sobre meu tema e as dificuldades que estava encontrando, que descobro que a mesma fez parte da Seleção Gaúcha de Handebol em 1986. Nesse momento, me dei conta que talvez eu devesse procurar em outras fontes o que eu até então não encontrava.

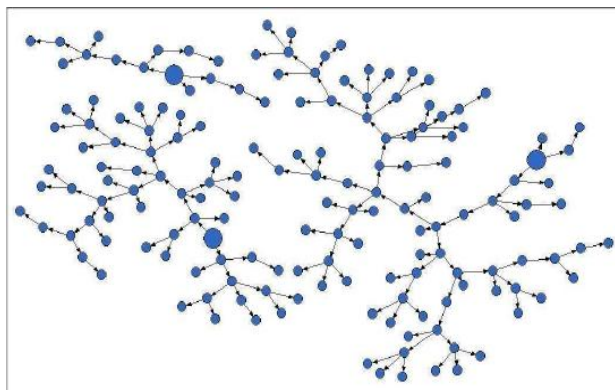
A partir de uma entrevista que realizei com ela, comecei a montar uma rede de pessoas que me ajudariam na delimitação do meu campo empírico. Diante disso, encontrei na técnica de *Snowball* ou também chamada como “bola de neve”, uma forma de sistematizar e delimitar o grupo de informantes Delimitando, desse modo, o meu campo empírico. Essa metodologia inicia com alguns participantes iniciais que indicam outros, que por sua vez indicam outros e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (BALDIN & MUNHOZ, 2011). No caso desta dissertação analisar como se dá o processo de profissionalização de atletas praticantes de Handebol de um time do Rio Grande do Sul, como também o que entendem as atletas de um time de Handebol do Rio Grande do Sul sobre ser profissional do Handebol.

Para melhor visualizar como fui montando a minha rede, utilizei como base um modelo de rede apresentando por Albuquerque (2009).

²⁸ <https://www.facebook.com/CbHbConfederacaoBrasileiraDeHandebol?fref=ts>

²⁹ <https://www.facebook.com/portaldohandebol?fref=ts>

Representação hipotética de uma cadeia de referências (snowballsampling ou “Bola de Neve”)

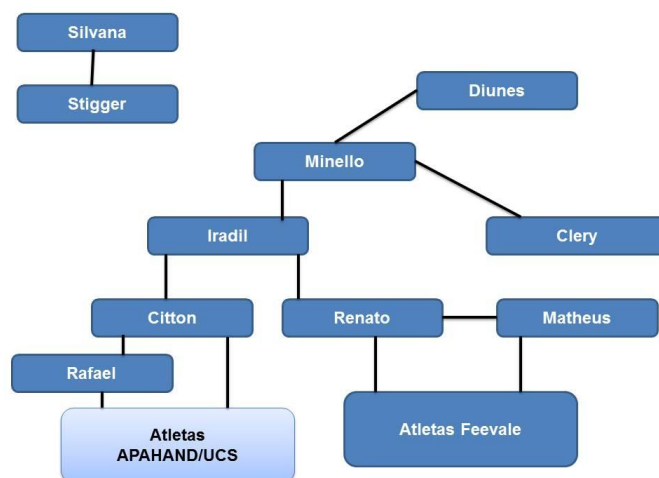


Fonte: Albuquerque (2009, p. 21)

Esta forma de visualização da rede, facilita a visibilidade de informantes específicos e relevantes para a pesquisa. Em vista disso, Sanchez e Nappo, 2002 apud Baldin & Munhoz, 2011 escrevem que é a partir do *snowball*, que se estabelecem os/as informantes chave, que ajudarão na aproximação do/a pesquisador/a ao campo de pesquisa.

Para melhor explicitar o percurso metodológico adotado nessa investigação, apresento a rede de informantes, explicitando posteriormente como se deu a escolha daquelas/es que foram imprescindível para esta pesquisa.

Representação da cadeia de referências para esta pesquisa



Fonte: Autora (2014)

A cadeia explicita o caminho tomado para chegar ao campo empírico. Considero que o início da investigação com foco mais delimitado despontou com o contato com Diunes de Araujo Cezar, que em sua entrevista narrou aspectos de sua trajetória dentro do esporte, em específico no Handebol. No seu depoimento apontou alguns nomes de atletas e da comissão técnica, que na época em que praticava na cidade de Santa Maria contava com importante presença de Ítalo Antonio Minello e Iradil Antonello. Nesse mesmo dia juntamente com a Diunes, entrei em contato com o Minello, que prontamente nos recebeu em sua casa para uma conversa, no qual além de falar sobre sua trajetória também trouxe o nome do Iradil Antonello e de Clery Quinhones de Lima, professor de Educação Física e Jornalista com uma ampla caminhada dentro dos esportes, inclusive o Handebol. Nesse meio tempo outras conexões eram feitas, a partir de uma conversa da Professora Silvana Vilodre Goellner com o Professor Marco Stigger alguns novos nomes foram mencionados como possíveis sujeitos colaboradores da pesquisa.

Com alguns contatos consegui uma entrevista com Iradil Antonello, que é o atual Presidente da Federação Gaúcha de Handebol e desde muito tempo está envolvido com a modalidade. Na sua entrevista narrou sobre a sua trajetória no esporte e de como o mesmo se encontra estruturado no estado do Rio Grande do Sul. No transcorrer dessa conversa mencionou o nome de duas equipes gaúchas de Handebol praticado por mulheres que disputam a Liga Nacional de Handebol: Santa/Feevale/ da cidade Novo Hamburgo onde os atuais treinadores são o Renato Arena e Matheus Arena; e a APAH/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul cujo treinador é Gabriel Citton, atual técnico da Seleção Brasileira Juvenil Feminina.

Depois da entrevista com o Professor Iradil, em conversa com minha orientadora vislumbramos que esses dois times contemplava o que procurávamos para compor o campo empírico para minha pesquisa que objetiva entender o processo de profissionalização das atletas gaúchas. A partir disso, um contato inicial através de e-mail foi iniciado com Renato Arena e Matheus Arena para uma conversa e a possibilidade de pesquisar o time que depois de alguns e-mails trocados convidou-me de ir encontrá-los no colégio Santa Catarina em Novo Hamburgo. Feito esse constato, me desloquei até

aquela cidade no dia 28 de maio de 2013. Nesse dia pude observar o treino de cinco categorias (mirim/infantil; cadete e juvenil/ adulto) e também conversar com Renato Arena. Nessa conversa ele teceu algumas considerações sobre o panorama atual do Handebol no Rio Grande do Sul, depois disso com o aval dele estabelecemos a parceria para esse estudo.

Passado a qualificação do projeto, a qual me ajudou muito a delimitar o tema de pesquisa, entrei novamente em contato com Renato Arena no intuito de começar as entrevistas. Nesse meio tempo fiquei sabendo da Copa Mercosul de Handebol³⁰ que aconteceu na cidade de Santa Maria entre os dias 04 e 08 de Setembro de 2013. No propósito de entrar em contato com a equipe APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul e realizar algumas entrevistas com as atletas de ambos os times, me desloquei até Santa Maria para acompanhar a Copa.

Chegando ao ginásio conversei com o Professor Iradil que me apresentou Gabriel Citton que de imediato permitiu que eu conversasse com as atletas de sua equipe e fizesse as entrevistas que eu tanto desejava. Todavia como a competição estava em andamento, as atletas de ambas as equipes só compareciam ao ginásio meia hora antes de seus jogos e assim que finalizavam as partidas voltavam para o hotel ou ajudavam as categorias menores. Diante disso, só foi possível uma conversa informal com a equipe da UCS, na qual peguei o contato de todas as atletas.

Passado a Copa Mercosul dei prosseguimento aos contatos com as equipes da Feevale e da UCS, infelizmente, ambos estavam iniciando suas férias e solicitaram que eu retornasse os contatos no mês de fevereiro. Com esse intervalo, como eu havia pegado o contato das atletas da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul, contatei algumas delas no intuito de iniciar algumas entrevistas. Após algum tempo, Danielle Jóia me respondeu se disponibilizando com o adendo que teria que ser por telefone, pois estava em sua cidade natal São José do Rio Preto – São Paulo. No dia 02 de Dezembro de 2013 realizei a entrevista por telefone.

Após o período de férias retomei a comunicação com ambas às

³⁰ A 18ª Copa Mercosul de Handebol reuniu 48 equipes oriundas do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e Uruguai dividida em quatro categorias (mirim, infantil, cadete e adulto);

equipes, porém só obtive retorno da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul. Em uma primeira conversa com Gabriel Citton sobre meu deslocamento para a cidade de Caxias do Sul para entrevistar as jogadoras, o mesmo me passou o contato de Rafael dos Santos, preparador físico das atletas, para que eu falasse diretamente com ele, pois seria ele o meu mediador com as jogadoras. Em conversa com o Rafael, marcamos uma data para a realização das entrevistas, ficando marcado para o dia 20 de março de 2014.

Para a realização das entrevistas, foram elaborados dois roteiros (APÊNDICES A e B) prévios, um direcionado as atletas e outro direcionado ao preparador físico. A preparação destes roteiros teve como base o trabalho de Moreira de Souza Júnior (2013), modificado e adaptado para os objetivos desta pesquisa.

No dia 20 de março de 2014, fui acompanhada por uma colaboradora³¹ até Universidade de Caxias do Sul, no complexo esportivo para encontrar a equipe e iniciar as entrevistas, que foram registradas em mídia digital (gravador portátil).

Antes das entrevistas, foram reunidas todas as atletas para uma breve explicação sobre os objetivos da pesquisa e todos os procedimentos que seriam tomados até o depoimento estar pronto para a pesquisa e divulgação. Estando todas de acordo, nesse dia foram realizadas seis entrevistas. As outras oito entrevistas foram feitas no dia 10 abril, totalizando treze atletas e o preparador físico.

Após a coleta dos depoimentos, os mesmos passaram por um processo³² para transforma-los em documento escrito, constituindo assim o material empírico de análise.

3.2 A tática de jogo pode definir a partida: definição teórico-metodológica

³¹ Daniela Romcy;

³² Os procedimentos usados para transformar os depoimentos orais em documentos escritos estão todo explicado no subcapítulo TÁTICA DE JOGO PODE DEFINIR A PARTIDA: DEFINIÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.

Na tentativa de compreender de que forma se configuram os formatos de atuação profissional dessas atletas, treinadores/as e técnicos/as, optei por investigar um time por considerar importantes fontes de dados para esta pesquisa.

Nesse sentido, me ancoro na História Oral, tendo em vista que esta apresenta como fonte básica de consulta de depoimentos orais de pessoas que tiveram e têm significativa contribuição e conhecimento acerca dos objetivos dessa investigação.

Thompson (1992) define História Oral como uma maneira de interpretação da história, sociedade e cultura, escrita através do recurso da escuta das pessoas e registros de suas lembranças e experiências com a finalidade de criar fontes históricas. Desta forma, com as entrevistas e as anotações dos fatos observados é possível analisar, compreender e interpretar a vida individual relacionada com as relações sociais e assim construir a história.

A História Oral deve levar em conta que a memória opera uma revisão do passado em função das exigências do presente, memória individual/memória coletiva; lembrança/esquecimento; oral/escrito. O relato oral é transcrito, além de que, como lembra (Portelli apud PEREIRA, 1996), muitas fontes escritas são transmissões incontroladas de fontes orais perdidas (PEREIRA, 1996, p.70)

Assim, a História Oral pode ser considerada um método de pesquisa, um tipo de fonte ou até mesmo uma técnica de pesquisa (Goellner, 2005). É responsável por rememorar a vida cotidiana e preencher as lacunas deixadas na escrita da história pelas fontes, todavia ao se utilizar de fontes orais a mesma é vista como uma narrativa, na qual não busca correspondência com uma verdade, mas sim uma versão desta, a partir do simbólico e suas representações (Pesavento, 2005), visto que a pessoa entrevistada irá relatar os acontecimentos a partir de sua visão, suas experiências.

Tendo em vistas estas considerações e seguindo os caminhos metodológicos necessários à construção desta pesquisa e também do acervo

de memórias disponibilizado no Centro de Memória do Esporte³³, apresento os passos seguidos para a coleta dos depoimentos, que foram realizados de acordo com o manual prático para esclarecimentos básicos a serem empreendidos nas entrevistas (2012) do Projeto Garimpando Memórias. Estes são os seus procedimentos metodológicos:

1. Identificação das pessoas a serem contatadas para as entrevistas.
2. Elaboração de roteiros para cada entrevista – este procedimento é realizado depois de já termos acesso à algumas informações sobre o entrevistado e sua relação com o tema da entrevista, o que requer pesquisa prévia. As entrevistas serão temáticas valorizando, sobretudo, o envolvimento do entrevistado no campo das práticas corporais e esportivas.
3. Realização da entrevista – esta poderá ser temática ou sobre a história de vida do entrevistado. A entrevista será gravada para facilitar o processo de transcrição;
4. Processamento da entrevista – refere-se ao processo envolvido na passagem do depoimento da forma oral para a escrita, incluindo as etapas de transcrição, copidesque e leitura final;
5. Devolução da entrevista na linguagem escrita para conferência do entrevistado;
6. Assinatura, por parte do entrevistado, da Carta de Cessão (ANEXO A) concedendo ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física a propriedade e os direitos de divulgação do depoimento de caráter histórico e documental;
7. Catalogação da entrevista conforme orientações específicas visando a organização do acervo de memórias;
8. Disponibilização da entrevista, de fotografias e de documentos para consulta através do Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte <http://www.repositorioceme.ufrgs.br/>

A partir do levantamento das fontes e do cuidado com os procedimentos metodológicos, alguns critérios foram estabelecidos para a

³³ <http://www.ufrgs.br/ceme/site/entrevistas>

escolha dos/as entrevistados/as dessa pesquisa. Para formar a rede de depoentes considere em um primeiro momento sua relação com o Handebol, em específico o praticado por mulheres e também sua ligação com o time pesquisado, como pode ser visto nas imagens abaixo a apresentação das/os entrevistados/as.

Quadro de depoentes A

Nome	Idade	Tempo dedicado ao Handebol	Formação	Atuação
Juliana Borges Lima	18	9 anos	Ensino Médio	Atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.
Samara da Silva Vieira	23	13 anos	Ensino Médio Incompleto	Atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.
Larissa Weissheimer	18	9 anos	Graduanda em Fisioterapia	Atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.
Stefanny Rayane Mattos	18	9 anos	Ensino Médio Completo	Atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.
Tuanna Letícia Silva da Luz	23	8 anos	Graduanda em Design	Atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.
Lais Bordin da Silva	22	10 anos	Graduanda em Engenharia Civil	Atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.
Tamara Aragon	25	+ ou - 10 anos	Graduanda em Direito	Atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.
Thais Regina de Mello	23	13 anos	Graduanda em Educação Física	Atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.
Pietra Gauer Pasqualon	17	8 anos	Ensino Médio Incompleto	Atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.
Kassiane Oliveira de Lemos	18	9 anos	Ensino Médio Incompleto	Atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.
Alessandra Ares	22	11 anos	Graduanda em Fisioterapia	Atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.
Rafael dos Santos	34	10 anos	Especialista em Educação Física	Treinador da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.
Daniele Coelho Mateus	26	11 anos	Graduanda em Educação Física	Atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.
Luiza Pieruccini Boff	18	7 anos	Graduanda em Psicologia	Atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.

Fonte: a autora (2014)

Quadro de depoentes B

Nome	Idade	Tempo dedicado ao Handebol	Formação	Atuação
Winnie Jennifer Moreno Candido	20	+ ou – 8 anos	Graduanda em Direito	Atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.
Ligia Costa	18	+ ou - 6 anos	Ensino Médio Completo	Atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.
Danielle Jóia	23	10 anos	Graduada em Publicidade e Propaganda	Atleta do Itapevi
Iradil Antonello	67	+ ou - 40 anos	Graduado em Educação Física	Presidente da Federação Gaúcha de Handebol
Pablo Juan Greco	62		Pós- Doutor em Ciências do Movimento Humano	Professor na Universidade Federal de Minas Gerais
Francisco Camargo Netto	76		Pós- doutor pela Universidade técnica de Lisboa	Ex-professor da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Luis Celso Giacomini	65		Mestre em Ciências do Movimento Humano	Vice-presidente da Federação Gaúcha de Handebol

Fonte: a autora (2014)

Após coleta e organização do material empírico, iniciei o processo de análise do material. Em um primeiro momento as entrevistas foram lidas e relidas objetivando identificar as unidades de análise. Posteriormente, procurei organizar os achados em unidades ou temáticas, tendo como principio o processo de profissionalização e as relações que o tecem.

A organização dos depoimentos juntamente com os objetivos dessa dissertação, permitiu que fosse dividido em duas temáticas centrais de análise, as quais são: o processo de profissionalização, sendo subdividido em como se dá esse processo e o que entendem sobre profissionalização, a outra categoria é o esporte espetáculo que se subdivide em patrocínios e mídia e por ultimo a relação visibilidade e público.

4 PRÉ-TEMPORADA: OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELAS ATLETAS ATÉ O ALTO RENDIMENTO

Para compreender como se dá o processo de profissionalização de atletas de Handebol é de suma importância conhecer a história e os caminhos que percorreram até chegar ao alto rendimento. Nesse capítulo, em um primeiro momento apresento a história da equipe que as atletas defendem para posteriormente descrever algumas etapas de suas trajetórias. A ideia é evidenciar o dia a dia destas mulheres e o quanto se dedicam à modalidade, mencionando seus sonhos e frustrações, assim como a importância da família desde o início desta caminhada até o momento atual, o que envolve suas percepções sobre o viver do esporte, ou seja, tornarem-se profissionais do Handebol.

Para entender essa trajetória, além da apresentação da equipe e das atletas, me fundamento no trabalho de Mauricio Pimenta Marques (2008), que analisou a transição da carreira esportiva de atletas do Futebol desde seu início até a fase profissional. Mesmo sabendo que o Futebol e o Handebol são esportes diferenciados que possuem suas especificidades, acredito que a trajetória esportiva de atletas destas modalidades possuem vários pontos de confluência, o que me permite tecer o diálogo entre os dados empíricos da minha pesquisa com as do autor supramencionado.

4.1 Primeiro treino: conhecendo a equipe APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul³⁴ e suas atletas

A APAHAND/UCS/ Prefeitura de Caxias do Sul delineou uma história que teve seu início no ano de 1997, com a participação de 35 atletas, quando houve a fusão de duas equipes, S.E.R Caí (São Sebastião do Caí) e do Recreio

³⁴ Todos os dados sobre a História da equipe como alguns números que a compõem foram retirados do site <http://apahand.wix.com/handebolcaxias>;

Cruzeiro (Caxias do Sul) juntamente com a UCS. De acordo com o site³⁵ *Handebol Caxias* foi a partir da fusão da equipe que surgiu um dos maiores centros de Handebol de mulheres do Brasil, o qual passou a representar a cidade de Caxias do Sul, o estado do Rio Grande do Sul e o Brasil em competições estaduais, nacionais e internacionais em todas as categorias (mirim/infantil/cadete/juvenil/júnior e adulto). A APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul atualmente é filiada a Federação Gaúcha de Handebol, a Confederação Brasileira de Handebol e a Federação Internacional de Handebol.

De acordo com Rafael Santos, preparador físico e de goleiras, em conversa posterior à entrevista, explicou que a APAHAND/UCS/ Prefeitura de Caxias do Sul se lançou em definitivo no cenário nacional no ano de 2005. Tal marco se dá pelo acontecimento de uma reunião da comissão técnica que decidiu investir de forma mais efetiva na equipe adulta, buscando fortalecê-la mediante a contratação de atletas de outros estados do país. Como aponta o site *Handebol Caxias*, a categoria adulta atingiu seu ápice em 2009 ao participar pela primeira vez da Liga Nacional. Atualmente, a comissão técnica é formada pelo Gabriel Citton (treinador da equipe adulta), Isabel Spiers (treinadora das categorias de base) e Rafael Santos (preparador físico e preparador de goleiras).

Em dezessete anos de existência da equipe já atuaram mais de 1200 crianças, sendo que atualmente, das categorias de bases ao adulto, existem 180 atletas distribuídos entre escolas de formação e equipes de competições envolvendo mulheres e homens. Destas atletas quatorze fazem parte da equipe adulta que, conforme observei in loco, desenvolve seus treinos juntamente com as atletas da categoria juvenil. Atualmente a equipe adulta é formada por atletas oriundas de diferentes localidades do Brasil, como demonstra a mapa abaixo.

³⁵ <http://apahand.wix.com/handebolcaxias>;



Fonte: a autora (2014)

A média de idade da equipe é de vinte anos, sendo a mais nova com dezessete e a mais velha com vinte e seis anos, o que aponta ser uma equipe jovem. As sete atletas que são de fora do Rio Grande do Sul e algumas meninas que não são naturais de Caxias do Sul ficam alojadas em uma casa próxima a Universidade de Caxias do Sul que serve como moradia para as jogadoras da Equipe. Além da moradia, as atletas recebem alimentação, plano de saúde, gratuidade em disciplinas cursadas na universidade ou uma bolsa para cobrir os gastos com ensino na escola além de uma ajuda de custo mensal.

A contratação das atletas se dá mediante contrato firmado entre a atleta e o clube com vigência de um ano e, caso houver interesse de ambas as partes, pode ser renovado. Para esclarecer um pouco mais de como funciona os contratos e benefícios que as atletas recebem, recorro à entrevista de Danielle Jóia³⁶, na qual explica como são realizados os contratos, salários, bolsa atleta e as transferências entre os clubes.

De acordo com Jóia (2013) jogando pela UCS

³⁶ Daniele Jóia foi atleta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul no ano de 2013, ano em que a entrevistei. Hoje ela atua na equipe de Itapevi- São Paulo e na Seleção Brasileira Universitária de Handebol, conquistando em agosto de 2014 a medalha de ouro no Campeonato Mundial de Handebol Universitário;

Além do salário, tu tens alimentação, tem o apartamento que eles disponibilizam, nós temos plano de saúde, tudo no instituto da UCS e alguma porcentagem também na Universidade para quem quer estudar. [...] Hoje jogando pela equipe da Universidade da UCS³⁷, eu tiro aproximadamente dois mil reais mensais e também a gente tem um programa que se chama Bolsa Atleta: os atletas que ranqueiam, entre o primeiro e o terceiro ano, eles ganham uma bolsa durante doze meses no valor de mil novecentos e cinquenta reais, antes era proibido receber o bolsa atleta e ter um salário ou algum tipo de patrocínio, hoje já foi liberado isso, então alguns atletas ganham um salário e ganham a bolsa. (JÓIA, 2013, p.02)

Danielle foi à única atleta a expor o valor mensal que recebia por jogar na equipe da UCS. Essa revelação só foi possível, porque entrevistei Danielle em dezembro, via telefone, na qual ela relatou o valor recebido mensalmente. Ao entrevistar as demais atletas, no ginásio da UCS, nos meses de março e abril, até houve algumas que revelaram o valor que recebiam, mas logo, por orientação de Rafael Santos, foi solicitado que esses valores não aparecessem nas entrevistas, e que a palavra “salário” fosse substituída por “ajuda de custo”.

Mesmo que eu não fosse autorizada a expor os valores que as atletas recebem para jogar, em conversas informais ficou evidente que a ajuda de custo não é uniforme entre todas as atletas da equipe, havendo diferenciação nos valores, os quais são calculados considerando o rendimento da atleta e o tempo de permanência na equipe. Daniele Jóia era uma das atletas cujo valor pago pelo clube era um dos mais altos.

Em sua entrevista a atleta também explicou como geralmente ocorrem as transferências entre os clubes. Nas suas palavras:

Primeiro, quando termina o ano, sempre no final do ano quando termina os campeonatos aqui no Brasil, começa a receber propostas. Na maioria são propostas normais, acabam se falando por e-mail, por mensagem, por telefone, no meio que a gente está todo mundo acaba se conhecendo e daí são quando eles começam a fazer as propostas e o atleta tem o livre arbítrio para poder escolher. É difícil ter alguma equipe aqui no Brasil que queira comprar mesmo, que se tu sair tem a multa do contrato, mas são poucas, tem umas três ou quatro equipes que tem contrato. E se você não tem esse contrato você tem o livre arbítrio de poder escolher a equipe que você quer jogar; você tem o livre arbítrio e depois a própria equipe que você vai ela informa a sua antiga equipe que precisa fazer

³⁷ Universidade Caxias do Sul.

a transferência dos papéis e etc. E começa o jogo, vamos lá. [...] Quando um atleta começa a jogar um campeonato ele não pode trocar de clube dentro desse campeonato, ou de outro; se o atleta já está federado, ele confederado pela aquela equipe tem que fazer a transferência, ai é uma burocracia bem complicadinha, tem que fazer transferência, tem que emitir pagamentos de um clube para os outros, do clube para as confederações. Mas acontece sim de alguma... De técnico querer liberar atleta ou do atleta não servir bem a equipe e o técnico querer liberar, o clube querer liberar atleta, enfim, dar a carta liberatória, nós chamamos de carta liberatória e o atleta está apto a jogar em qualquer outra equipe do Brasil. (P. 03/04)

As transferências entre os clubes, como apontou a atleta, normalmente ocorrem por meio de convites, e conforme as atletas vão crescendo na carreira esportiva, as ofertas vão melhorando tanto em termos de condições oferecidas quanto no aumento na ajuda de custo que lhe é ofertada.

Exposto isso e como já mencionado anteriormente, a noção de como ocorrem os contratos, transferências e valores pagos as atletas foram assuntos que eram tratados de forma não muito explícita, parece que causavam certos constrangimentos e de um modo geral acabavam sendo tangenciados, mesmo nas conversas informais.

Uma das tentativas de conseguir informações sobre os ganhos que o Handebol proporciona para essas jogadoras foi elaborando questões que pudessem indicar se elas viviam exclusivamente do Handebol. Ao mencionar esse assunto, todas afirmaram viver exclusivamente do Handebol, sempre apontando que só é possível viver esporte, pois ganham tudo o que precisam além da ajuda de custo, que se reveste em uma verba para gastos pessoais ou para auxiliar a família, conforme algumas jogadoras relataram.

Daniele Mateus ao relatar sua experiência de jogar pela UCS faz referência aos ganhos que tem obtido com o Handebol. Vejamos:

Agora eu com meus vinte e quatro anos, tive essa oportunidade. Ter uma ajuda de custo para me manter aqui, conseguir viver com essa ajuda. Claro, aqui é profissional, temos plano de saúde que já conta muito, uma ajuda de custo, comida a vontade, comemos em um restaurante aqui na UCS. Foram essas coisas que fizeram vir para cá. O salário era pouco, era, mas o salário que eu ganhava lá era o mesmo e mais minhas coisinhas. Vir para cá para fazer uma coisa que eu gosto e amo, que é jogar handebol, com tudo que me foi

oferecido, não pensei duas vezes e vim, sozinha, deixei família, abandonei tudo. Claro que é um modo de falar, minha família ficou por lá e eu vim. Fiquei 2012 todo aqui, ano passado retornei, renovaram o meu contrato, com isso houve alguns aumentos, ganhei um curso de graduação, acabei fazendo um curso de Administração. Esse ano renovamos novamente, retomei a faculdade, o salário aumentou e as outras coisas se mantiveram. Então é isso que me fiz vir para cá, começar a jogar o profissional. O que vivo hoje aqui, eu vivo bem, porque se eu estivesse lá no Ceará eu, jamais, eu digo jamais, porque minha família é humilde, só seria possível se fosse uma coisa que viesse de Deus, caísse do céu, porque eu não ia ter condições de pagar uma faculdade. O handebol está me proporcionando isso, está abrindo portas para mim. No final do ano passado fiz vestibular, vou começar mais um curso. Isso só foi possível através do Handebol, o handebol está me dando à faculdade, e fora isso tem o meu salário. Sou muito grata ao handebol. E tudo vai melhorando, um pouquinho de cada vez, que para mim já é muito coisa, em vista do que eu vivia no nordeste, no Ceará.

O depoimento de Daniele retrata os benefícios que o Handebol tem lhe proporcionado. Ao qual ela tem aproveitado para investir na sua formação universitária já como ela mesma coloca que teve a chance de jogar em uma equipe com a estrutura da UCS somente aos 24 anos.

A iniciativa da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul em investir mais efetivamente na categoria adulta, possibilitou e vem possibilitando que atletas de outras cidades e/ou outros estados tenham as condições de vislumbrar no Handebol uma carreira esportiva, mesmo que as chances de chegar a seleção brasileira ou jogar em algum time europeu sejam pequenas em função da idade. Promoveu ainda que entendimento de que mesmo que o Handebol não ofereça a essas atletas a possibilidade de ganhos financeiros suficientes para uma possível aposentadoria ou até mesmo para algum infortúnio que as faça ter que parar de jogar, ele tem oportunizado a elas a possibilidade de investir em cursos superiores e assim possuírem outras carreiras quando pararem de jogar.

4.2 Do banco para o jogo: as transições feitas pelas as atletas até o esporte profissional

Diferentes esportes podem ter diferentes níveis de profissionalização como, por exemplo, o futebol que é totalmente profissionalizado comparado ao handebol que possui pouquíssimas equipes profissionais no Brasil, caracterizando diferentes condições de transição dependendo da modalidade envolvida. (MARQUES, 2008, p. 19)

É preciso entender as diferentes etapas que precedem a profissionalização das atletas da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul, uma vez que a carreira esportiva passa por diversas fases desde a iniciação até a aposentadoria. Marques (2008). Aqui nos interessa analisar a fase inicial dessas atletas no esporte, a relação do esporte com a formação escolar e sua relação com a família culminando na profissionalização das jogadoras.

Procurando subsídios que me ajudasse a entender os caminhos tomados pelas atletas até a profissionalização, inicio recorrendo à Lei Pelé (lei nº 9.615/98), na qual no capítulo III – *Da natureza e das finalidades do desporto*, no artigo 3º menciona três manifestações desportivas reconhecidas no Brasil, sendo elas:

I - desporto educacional, através dos sistemas de ensino e formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral e a formação para a cidadania e o lazer;

II - desporto de participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e da educação e na preservação do meio ambiente;

III - desporto de rendimento, praticado segundo normas e regras nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com outras nações. (BRASIL, 1998, p. s/n)

A partir dessas três manifestações Marques (2008) faz uma relação com a análise de carreira esportiva, da qual dou destaque a do desporto educacional, na qual relata que:

A prática do desporto educacional, no entanto, pode se

estender por toda a vida escolar e universitária da criança/jovem, e tal percurso, mesmo que não se tenha a intenção de alcançar o esporte profissional, demanda planejamento, estabelecimento de prioridades, organização da rotina escolar e ajuste às exigências acadêmicas e esportivas. Sendo assim, [...] este período caracteriza-se como uma fase de sua carreira esportiva. (MARQUES, 2008, p. 10)

Na esteira dessas ideias, ao relacionar os estudos de Marques (2008) no contexto do Handebol, analisando as transições feitas pelas atletas, percebo que o Handebol possui uma estreita ligação com o desporto educacional. Tal afirmação está se dá porque em praticamente todos os depoimentos das atletas, o desenvolvimento de suas carreiras esportivas está atrelada à escola no ensino fundamental e médio e, posteriormente, na Universidade.

Ao delinear a trajetória da carreira esportiva de atletas de Futebol na idade final da adolescência e início da idade adulta de equipes que disputaram a série A do Campeonato Brasileiro em 2007, Marques (2008) explica que a trajetória envolve diferentes fases, que podem estar associadas à idade cronológica e à progressão pelas categorias referente à modalidade analisada. No Handebol a progressão por categoria se dá de acordo a Federação Internacional de Handebol e apresenta a seguinte divisão: mini (8-10 anos), mirim (10–12 anos), infantil (12–14 anos), cadete (14–16 anos), juvenil (16–18 anos), júnior (mulheres 18–20 anos/ homens 18–21) e adulto (mulheres de 21 anos em diante e homens de 22 anos em diante).

No Handebol, as categorias delimitam a participação nos campeonatos, porque nem sempre nos treinamentos ocorre uma divisão em categorias, como também não são todas as jogadoras que iniciam no mini e vão progredindo por todas as categorias cronologicamente. Tal afirmação pode ser visualizada nos depoimentos das atletas quando indagadas sobre o seu início no esporte, que, geralmente em grande parte se deu entre nove e quinze anos conforme os excertos abaixo:

Eu comecei a jogar em Pernambuco na escola. O time de Handebol era bom, então comecei na linha, mas acho que não durei um mês na linha e passei para o gol e desde então sou goleira. Eu tinha 15 anos, comecei um pouco tarde, mas desde que descobri o gol acho que não tem outro lugar melhor para jogar que não seja no gol. (LUZ, 2014, p. 01)

Então, comecei com nove anos, hoje tenho dezesseis. Comecei na escolinha de Handebol que tinha na minha escola e pelos onze anos comecei a treinar aqui na UCS. (PASQUALON, 2014, p. 01)

Só joguei no período escolar mesmo, porque profissional assim, aqui foi à primeira vez. Joguei até os meus dezessete anos pela escola, depois acabou a minha idade escolar, eu não pude mais competir em campeonatos escolares e tal. Minha alternativa para continuar jogando Handebol, foi ir para universidade, no caso jogar e estudar. (CÂNDIDO, 2014, p. 01)

O primeiro contato das atletas com o esporte, em específico o Handebol, pode ser identificado considerando três pontos que ligam o início destas trajetórias: a escola, a família e/ou a influência de uma amiga/o e de um professor/a/ treinador/a.

Desta forma, a escola é o ponto chave para o início da prática do Handebol para as jogadoras pesquisadas. Foi nas aulas de Educação Física que se deu o primeiro contato das atletas como a modalidade. Este dado também aparece no estudo de Marques (2008) sobre o Futebol ao afirmar que a iniciação de atletas naquela modalidade se dá principalmente em escolinhas especializadas, em clubes e em jogos na rua.

No Handebol, a partir da fala das atletas, o início se deu quase que exclusivamente no ambiente escolar como podemos visualizar nestes depoimentos: “[...] comecei a jogar Handebol na escola, na minha cidade, Rosário” (CÂNDIDO, 2014, p.01). “Comecei em Natal na Escola Sagrada Família, fiquei uns quatro anos em Natal [...]”. (VIEIRA, 2014, p.01).

Nas suas narrativas também foi possível perceber que o Handebol foi uma ponte para que algumas jogadoras, ao se destacarem, fossem convidadas a jogar pela equipe de alguma escola privada, conquistando a possibilidade de estudar e ter algum desconto na mensalidade ou ainda ter uma bolsa integral de estudos. Algumas dessas escolas privadas possuem convênios com Universidades, podendo a atleta, após terminar o ensino médio manter uma bolsa na Universidade. Como foi o caso de Laís, que a partir de um convenio da UCS com uma escola particular oportunizou a ela uma continuidade no

esporte e também nos estudos. No seu relato a atleta conta como se deu essa transição:

A minha irmã na época já praticava esportes na escolinha do Santa Catarina, ela comentou comigo sobre a escolinha, achei interessante e resolvi participar. Nessa época conheci o Gabriel Citton e a Isabel Spies. O Brasa³⁸ conheci quando me ofereceram a oportunidade de vir fazer teste aqui na faculdade, que na época eles faziam uma espécie de peneira. Seleccionavam alguns destaques das escolas, onde eles tinham escolinhas de Handebol e faziam uma seleção no ginásio da Universidade. Quem eles achavam que tinha condições de permanecer para poder disputar estaduais, brasileiro eles traziam para treinar junto com a equipe de base da Universidade. (BORDIN, 2014, p. 01)

Durante a investigação percebi que esse processo se deu com praticamente todas as jogadoras da equipe, com exceção de uma delas cujo vínculo se deu por meio da prefeitura de sua cidade. Nas suas palavras: “O município estava ofertando treino de Handebol gratuito, “então eu e minha irmã mais velha fomos ver como era, porque não conhecíamos. Começamos a treinar, gostamos e passamos a ir sempre.” (WEISSHEIMER , 2014, p. 01) Mesmo que a iniciação para essa atleta não tenha se dado no contexto escolar, ela mantém os estudos, hoje cursando Fisioterapia na Universidade de Caxias do Sul..

Um segundo ponto importante do contato inicial destas atletas com o esporte, como podemos inferir a partir de suas falas, é a inspiração em alguém de sua família, principalmente as irmãs, aparecem como motivos para que elas conheçam e pratiquem Handebol. “Eu comecei a jogar por causa da minha irmã.” (LEMOS 2014, p. 01); “A minha irmã na época já praticava esportes na escolinha do Santa Catarina, ela comentou comigo sobre a escolinha, achei interessante e resolvi participar.” (BORDIN, 2014, p.01)

O contato com o Handebol na escola possibilitou a essas atletas uma experiências no esporte. O que começou como brincadeira logo tomou proporções de seriedade. Esta seriedade pôde ser percebida, segundo elas, com o aumento dos dias da semana de treinamento, assim como uma maior participação em campeonatos.

³⁸ Rafael dos Santos;

Ericsson (1993) ao documentar as atividades diárias de indivíduos “experts”³⁹, afirma que para se chegar a um nível de excelência, os/as atletas de alto nível tem que dedicar pelo menos dez anos de prática intensa da modalidade. O autor também aponta que atletas que chegam ao alto rendimento, normalmente começam a treinar ainda muito jovens.

Ao ter uma média de nove anos de prática, as atletas da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul estariam muito próximas de serem “experts” do esporte, se não fossem as peculiaridades da modalidade. Se no Futebol, por exemplo, existe a oportunidade de estar em escolinhas especializadas em formação de atletas desde muito cedo, no Handebol, boa parte das jogadoras iniciam no contexto escolar, sendo que essa iniciação nem sempre se dá com um trabalho que tenha treinamentos sistematizados.

Em contrapartida, em estudo realizado por Hugo Paula Almeida da Rocha et al (2011) é possível perceber que no Futebol a progressão da carreira esportiva de sucesso acaba prejudicando a continuação dos estudos, pois quanto mais destaque o atleta tiver, mais treinos terá e menos tempo para se dedicar aos estudos, tendo muitas vezes que abrir mão de continuar sua formação escolar em prol do futebol. Entretanto no Handebol, mais especificamente na equipe estudada, em função da ligação da modalidade com o contexto escolar e universitário, pude perceber que o crescimento da atleta está atrelado à continuação nos estudos. E que inclusive os estudos podem ser um motivo importante para que a atleta decida continuar jogando e treinando em alguma equipe Visto que essa possibilidade está presente naquilo que podemos identificar como viver do handebol. Ou seja, jogar e ter seu estudo financiado.

Isso pode ser visto nos treinos da categoria adulta que ocorrem de segunda a sábado, sendo dividido em treinamentos físico, tático e de reforço muscular (academia). Com exceção da preparação física que pode ser feita na academia pela manhã ou à tarde e os treinos de sábados que é feito das 9hs às 11hs, os treinos de quadra, sejam eles físicos ou táticos, são feitos a noite, sendo: Segunda, quarta e sexta das 20hs as 22hs, terças e quintas das 17h as

³⁹ Para Ericsson (1993) pessoas experts são aquelas que chegam a níveis excepcionais de desempenho;

19hs.

Esse horário, de acordo com Rafael Santos, foi a melhor forma encontrada de conseguirem reunir todas as atletas e treinadores em um mesmo momento, pois como aponta Santos (2014, p. 03), “é difícil conciliar horários de técnico e atletas, muitas vezes os treinos acabam sendo a noite para conseguir agregar todo mundo, só que daí a maioria dessas atletas estudam, tem aulas, então fica bem complicado.”

A questão da formação escolar e/ou acadêmica apontada por Santos (2014) não é colocada em segundo plano em relação aos treinos da equipe, como acontece no Futebol, na qual os jogadores tem que encontrar estratégias para continuar estudando, isso quando, o estudo não fica em segunda plano. Até porque algumas atletas da equipe APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul são representantes da Universidade em competições universitárias e para isso é preciso estar devidamente matriculada em algum curso.

Rocha et al (2011) ao analisar como como atletas homens em categorias de bases de futebol, conciliavam a rotina de treinos com a escola, aponta que

A busca pela profissionalização no futebol oferece muitos riscos aos que a desejam. As dificuldades para conciliar as rotinas diárias dos atletas os distanciam da escola básica, apesar de não impedi-los de frequentá-la. Todavia os atletas entrevistados indicam em suas falas que a escola não é representada como a principal estratégia de vida nesse momento e a dedicação aos estudos não é a principal meta. (ROCHA et al, 2011, p. 261)

No Handebol essa realidade parece distante, pelo menos para as atletas da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul, já que a formação escolar e/ou universitária se dá conjuntamente com o desenvolvimento delas enquanto atletas. Essa relação pode ser vista na formação das quatorze atletas, na qual, nove estão cursando ensino superior, duas com ensino básico finalizado e ingressando no superior e duas outras com o ensino básico incompleto. O estudo faz parte da formação integral das atletas e para isso elas dividem seu tempo entre as atividades da escola e/ou faculdade com os treinos e competições.

O aumento de treinos durante a semana agregado as cobranças nas competições são alguns indícios apontados pelas atletas, que apontam mudanças na forma como olhavam a prática do Handebol. Essas exigências, de acordo com suas percepções, indica que o esporte deixa de ser uma brincadeira e passa a ser uma atividade levada a sério.

E no contexto desta mudança de perspectiva a prática do esporte que ocorre a possibilidade de virarem atletas de alto rendimento. Sair de casa para jogar em clubes, planejar a carreira, dar continuidade aos estudos e ter na família um apoio, são alguns dos pontos que marcam a primeira transição ao processo de profissionalização dessas atletas. Schlossberg (1981) apud Marques (2008, p. 10) define a transição como um “acontecimento ou processo que resulte em uma mudança de percepção sobre si mesmo e o mundo, o que conseqüentemente requer uma mudança correspondente no comportamento e forma de relacionamento desta pessoa”.

Essa primeira transição marca não somente a saída de casa, mas também a ressignificação que o Handebol passa a ter para essas atletas. Se inicialmente ele era uma diversão ou uma prática lúdica nesta transição ele passa a ter um status de compromisso. Diante disso, com o desenvolvimento da carreira esportiva e a dedicação, os convites para defenderem outras equipes normalmente situadas em outros estados vão se tornando realidade. Tamara Christiny Serra Aragon (2014), em sua entrevista, narra como foi sua experiência,

[...] morava em Betim, cidade de Minas Gerais, e na escola onde eu estudava acontecia alguns jogos. A minha turma jogava Basquete e Futsal, mas para poder participar tínhamos que jogar Handebol, e foi aí que comecei a jogar Handebol. Particpei dos JERBS⁴⁰ e a professora que treinava o Handebol convidou-me para treinar com escolinha. Fui eu e outra menina, no início enrolei para ir, mas acabei indo treinar e depois de uma semana de treino particpei de um Campeonato. Eu não sabia nem bater o lateral, não sabia nada. Mas acabei gostando e já faz quatro anos que jogo fora de Minas Gerais. Joguei em Pindamonhangaba, depois Itapevi, ambas em São Paulo. Ano passado joguei em Novo Hamburgo, aqui no Rio Grande do Sul, e esse ano eu vim para Caxias do Sul⁴¹. (ARAGON, 2014, p. 01)

⁴⁰ Jogos Escolares de Rio Brilhante;

⁴¹ Caxias do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil;

Em outros depoimentos, as atletas descrevem como foram os primeiros contratos, que normalmente foram firmados baseados na confiança e na palavra, ou seja, sem contratos oficializados. Isso aconteceu com três jogadoras que tiveram sua formação na cidade de Osório (Rio Grande do Sul) e que em 2013, decidiram jogar no estado do Espírito Santo.

No início de 2013, dia 8 de março, eu fui para o Espírito Santo, jogar no Castro Alves, um dos melhores times do Brasil. Joguei o ano todo lá e voltei em dezembro para casa. E agora estou aqui na UCS. (LIMA, 2014, p. 01)

A intenção era ficar em Osório, mas deu umas brigas, então conversamos com o cara, ele fez a proposta e a gente foi. Mas não tinha nada assinado, sem contrato, era tudo na palavra mesmo, foi assim. E para cá a gente foi para o acampamento da Seleção. Mas na verdade o Gabriel Citton já nos conhecia desde as bases, por estarmos sempre em convívio. Ele fez a proposta e a gente veio. [...] Não tinha um salário, mas no caso era tudo pago, casa, comida, tudo. Mas salário de fora a gente não ganhava. (MATTO, 2014, p. 01)

Um dos objetivos de grande parte atletas que jogam no APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul é um dia defenderem a Seleção Brasileira de Handebol, o que consideram ser o ponto máximo de realização profissional. Trilhar o caminho de chegar um dia à seleção prescinde de várias atitudes tais como sair de casa, terem disponibilidade para jogar em equipes de maior prestígio e que dão maior visibilidade.

Ao formularem seus objetivos de vida, em que o Handebol passou a fazer parte efetiva de suas rotinas, é a família que se torna um elo importante, seja para estimular, seja para testar a real vontade da jogadora em se tornar atleta. A relação família/atleta foi se delineando como um fator importante para a ascensão profissional a partir das entrevistas, o que requer uma análise mais particular sobre esse tema, o que me proponho a esmiuçar a partir de agora.

4.2.1. Da arquibancada para a quadra: a família no jogo

O apoio familiar e suas relações é um dos pontos fundamentais para

compreendemos através dos depoimentos que essas atletas trazem a oportunidade de vivenciar a carreira esportiva em suas vidas, bem como o tipo de escolhas e soluções encontradas para se realizarem como profissionais de Handebol.

Em estudo feito por Gabriel Citton e Isabel Spiers⁴² (2010) com 136 jovens, entre 11 e 15 anos, sobre os fatores motivacionais para a prática do Handebol na cidade de Caxias do Sul, mostrou que 23% dos/as entrevistados/as apontam o incentivo da família como primordial para continuar jogando Handebol.

Marques (2008, p. 38) destaca “que o papel dos pais no desenvolvimento da carreira de atletas é crucial e tem influência direta inclusive no nível de desempenho que o atleta pode alcançar”. Tal afirmação pode ser observada nos depoimentos, quando as atletas falam sobre a reação da família quando elas resolveram viver do Handebol.

No começo sempre tinha aquelas coisinhas assim: “Ah, para que tu vais todos os dias treinar, se isso é só uma brincadeira.” ou “Você é nova.” Mas a partir do momento que eles perceberam que eu queria realmente isso como profissão, para a minha vida, eles encararam juntos e me ajudam muito. Por exemplo, se eu estou indo em algum jogo e aconteceu qualquer coisa familiar, eles tentam não me contar para não me abalar, encaram isso como um trabalho mesmo. (MATTOS, 2014, p. 03)

De acordo com Côté (1999) apud Marques (2008, p. 38) o papel dos pais vai se modificando de acordo com as mudanças que ocorrem na carreira esportiva do/a filho/a. No Handebol aqui analisado o que se vê em relação à família, é que no início ocorre uma resistência sobre a prática do Handebol, mas com o passar do tempo e dedicação à atleta passa a ter maior credibilidade para continuar jogando.

Meus pais entenderam, mas foi difícil, porque saí menor de idade. Para sair eles precisavam assinar uma permissão, nessa hora minha mãe não queria me deixar ir, então conversei, pedi e no final autorizaram. (VIEIRA, 2014, p.05)

⁴² Gabriel Citton é o atual técnico da equipe adulta da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul e Isabel Spiers é a técnica responsável pelas equipes de bases;

A fala de Samara Da Silva Vieira se remete a sua ida a Espanha aos dezesseis anos de idade jogar pelo Club León Balonmano. Em seu depoimento conta que os pais tinham que assinar uma autorização e que a princípio sua mãe não queria assinar, mas que depois de conhecer mais sobre a viagem e possibilidade de atuação acabou concordando.

A distância da cidade onde atuam e da casa dos pais é um dos pontos destacados para que a família fique receosa de deixá-las continuar sua trajetória profissional. Todavia quando perceberem que a jogadora está se destacando no esporte seus familiares passam a respeitar a escolha e apoiá-las no esporte. Essa foi quase que uma constante entre todas as atletas que integram essa pesquisa conforme podemos observar em seus depoimentos:

Então, minha mãe não me apoia muito no Handebol, ela acha que eu tenho que ficar lá com ela, mas a minha avó já dá todo o apoio, ela fala: “A não! se você gosta tem que ir mesmo.” Mas dá aquela tristeza, porque é muito longe de Minas daqui e a gente vai para casa só quando tem férias mesmo, uns dez, quinze dias e no final do ano, então eles não reagem muito bem eu jogar fora, mas apoiam, é o que eu gosto. (ARAGON, 2014, p. 03)

Foi meio complicado, porque a princípio, o meu pai não é atleta, então ele pensava que era só por lazer. Ele não concordou muito, mas a minha mãe sempre foi atleta, ela me incentivou. Aí quando eu vim para cá, e eles viram que os meus passos estavam aperfeiçoando e que eu estava começando a ser reconhecida, eles começaram a me apoiar. Porque eles viram que era isso que eu queria. (COSTA, 2013, p. 03)

Se compararmos esses dados junto ao estudo desenvolvido por Marques (2008) é possível perceber que se no Handebol existe resistência por parte dos pais em relação à dedicação das filhas ao Handebol (mesmo que inicialmente) essa realidade não se aplica ao Futebol. Naquela modalidade, os pais não só aceitam a carreira esportiva dos/as filhos/as, como criam expectativas de que se tornem profissionais e bem sucedidos. É claro que essa perspectiva está muito relacionada ao destaque que o Futebol tem na sociedade brasileira.

No Handebol as atletas tem consciência que não ganharam e não vão ganhar quantias exorbitantes de dinheiro como ocorre no Futebol. Para boa parte de essas atletas terem uma carreira bem sucedida é conseguir subsídios para se formar em uma faculdade para quando pararem de jogar terem uma profissão. Mas essa visão não exclui os sonhos de representarem o Brasil em competições importantes ou ainda de jogarem na Europa a exemplo das atletas que hoje integram a seleção nacional.

Jogar por benefícios como casa, alimentação, formação escolar e/ou universitária é muito comum durante toda carreira esportiva dessas atletas, sendo esses elementos suficientes para se reconhecerem como profissionais de Handebol. Face ao exposto, passo a analisar o que as atletas entendem por serem profissionais do Handebol.

4.3 A partida começou e ninguém está brincando

Temos um problema que é o fato de o Handebol ainda não ter chegado ao seu auge. Por não ser tão valorizado como o Futebol, Voleibol, essa pouca visibilidade do Handebol, ninguém sabe o que é, daí fica difícil. Enquanto atleta, fazemos de tudo para que o Handebol evolua, chegar a um bom nível, ter atletas mais competentes, elevar. O Handebol está precário, tanto que quase não se vê na televisão. Tivemos uma ótima oportunidade no final do ano passado, quando o Brasil conquistou o Mundial, esperamos que traga inovações, visibilidade e que se torne acessível a todos. (MELLO, 2014, p. 03)

A fala de Thais Regina de Mello é uma entre tantas outras, na qual aparece como destaque a dificuldade de ascensão do Handebol como um esporte que merece maior destaque em função inclusive da Conquista do Mundial de Handebol Feminino em 2013. A falta de visibilidade da modalidade é vista como a grande barreira para que o handebol conquiste o status de outras modalidades esportivas como voleibol, a ginástica e mesmo o futebol.

Apesar das atletas do APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul encararem o Handebol com seriedade e se comprometerem com a mudança do panorama de invisibilidade e baixos investimentos do esporte no Brasil,

elas atribuem diversos e diferentes significados à modalidade. Além de uma profissão referem que o Handebol pode ser um meio de viajar e assim conhecer outras cidades ou países, ou ainda como uma possibilidade de se concluir um curso superior.

Para Thais Regina de Mello, que se dedica ao Handebol há treze anos, com passagem por equipes como Santa/Feevale, em Novo Hamburgo (RS) e em São José dos Campos (SP) o handebol lhe deu muitas oportunidades, em especial o estudos. Em outras palavras: estudou porque joga handebol. Vejamos:

Não é só aprendizado dentro de quadra, tu podes conseguir muito mais coisas, tanto que é com o Handebol que ganho minha faculdade. Se não fosse o Handebol, não teria condições de pagar uma faculdade. Estudei em escola particular através do Handebol, coisas que eu não teria conseguido se não estivesse no esporte. Muita coisa que eu tenho hoje é por causa do Handebol e pretendo conquistar muito mais coisas jogando Handebol. (MELLO, 2014, p. 02)

No caso de Lais Bordin da Silva, jogadora há dez anos, iniciada e formada nas bases da UCS e atualmente goleira da equipe adulta, jogar Handebol oportunizou-a a conhecer o mundo e várias pessoas. Nas suas palavras:

Para mim, foi muito isso, poder conhecer lugares, viajar, conhecer pessoas, acredito que o Handebol abriu portas para mim de lugares que talvez eu nunca pudesse ter imaginado conhecer. A própria Europa, quando a gente viajou para os Campeonatos Internacionais [...] E muito pelas viagens mesmo, algumas são únicas, não voltam mais. As pessoas que conheci que hoje talvez eu não fale tanto, mas só por ter conhecido, conviver com aquela pessoa acho que valeu apena, acho que foi por isso. (SILVA, 2014, p. 09)

Ser profissional do esporte pode ser compreendido de formas distintas quando olhamos para diferentes modalidades. Obstante pode ser visto de forma diversa mesmo quando olhamos para um só lugar, ou espaço no caso desta pesquisa para o Handebol e mais especificamente para um time. No caso específico da equipe de handebol analisada é possível referir que para boa parte das atletas, ser profissional significa ter algum compromisso firmado com o Handebol, isto é, a responsabilidade de levar a sério os treinos, o cuidado

com a alimentação e a concentração para os jogos e competições. É digamos assim se 100% para a modalidade. Abaixo apresento dois depoimentos, nos quais as atletas apontam o que é ser uma profissional do esporte:

Quando tu queres levar isso para a tua vida, tu queres que seja o teu divertimento, mas também o teu compromisso, que não seja só um lazer, mas onde tu te dediques. É vir todo dia nos treinos, querer crescer, conhecer coisas novas, isso o Handebol pode te proporcionar. (MELLO, 2014, p. 02)

Ser profissional do Handebol é bom porque eu amo fazer isso, mas é como se você trabalhasse, como se você tivesse uma responsabilidade de sair de casa todos os dias e trabalhar, mas ao mesmo tempo é prazeroso, porque a gente está se divertindo também. (VIEIRA, 2014, p. 07)

A relação *divertimento e seriedade* ou ainda *amor e trabalho*, de alguma forma está presente em praticamente todas as entrevistas. Essas relações tomam formas para tentar explicar o porquê se consideram profissionais e porque continuam a praticar handebol. Para essas atletas a pessoa se torna profissional quando existe uma dedicação para com a modalidade e a equipe que faz parte, culminando na abdicação de estar mais junto de suas famílias, namorados/as ou ainda participarem de festas. No entanto, acordam que tal renúncia se justifica por um bem maior, no caso, a presença do Handebol em suas vidas.

Consoante estes depoimentos é evidente o quanto o esporte faz parte da vida dessas jogadoras de tal modo que a configuração TRABALHO + VIDA PESSOAL se mescla, já que para boa parte das atletas uma dedicação para a modalidade ocorre 24 horas do dia, não somente dentro, mas também fora de quadra.

Eu considero que ser profissional é abrir mão de coisas que qualquer pessoa que não fazem esportes, não abriria. Tipo, família, festa, porque tem gente que não deixa de fazer festa por causa de competição, e outras coisas assim sabe, deixar de estar perto de pessoas que tu gosta. Ter uma alimentação saudável, não pode comer qualquer coisa, isso é ser atleta. (LEMOS, 2014, p. 06)

Ser profissional do Handebol é bom porque eu amo fazer isso, mas é como se você trabalhasse, como se você tivesse uma responsabilidade de sair de casa todos os dias e trabalhar, mas ao mesmo tempo é prazeroso, porque a gente está se divertindo também. (VIEIRA, 2014, p. 07)

Atletas mais novas, mesmo se considerando profissionais, veem nisso uma carga de responsabilidade que parece tirar o jogar por gostar, como é o caso de Larissa Weissheimer, que tem 18 anos. A jogadora que é natural de Realeza (Paraná) iniciou sua trajetória em 2005, aos nove anos de idade na cidade Capanema no mesmo estado. Disputou campeonatos representando as cidades de Iporã, Capanema, Foz de Iguaçu e Cascavel tendo sido selecionada para o acampamento da Seleção Brasileira⁴³ até chegar à APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul.

Então, acho que não caiu a ficha que eu sou uma profissional, até porque eu me acho muito nova. Claro que levo a sério o que faço, tento fazer o máximo por prazer, por diversão, por eu gostar, não uma coisa tão profissional. Porque se não, você acaba se sentindo muito pressionada e acaba perdendo o gosto pelo que faz. Acho que esse negócio de ser profissional você tem que acabar levando no sentido bom da coisa, não aquele profissional que você tem que entrar no clube e ser só aquilo. Você tem que continuar gostando o que você faz, tem que fazer por diversão, tem que aproveitar mesmo. (WEISSHEIMER, 2014, p.05)

Larissa aponta a pressão que a palavra profissional carrega e o medo de deixar de gostar e de levar o Handebol como uma diversão. Pois, mesmo que ela tenha jogado por outras cidades anteriormente, eram contratos por campeonato e/ou temporada, sendo a APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul sua primeira equipe a estabelecer um contrato assinado tendo alimentação, moradia, estudo e ajuda de custo.

Para Laís Bordin, ser profissional é ter um vínculo com uma equipe.

O que eu entendo por atleta profissional é aquele atleta que tem um vínculo com uma equipe. Por exemplo, eu estudo e tenho a minha vida, mas se tem um jogo e a equipe precisa de alguma coisa, tenho que cumprir com as responsabilidades que combinei com o clube, tenho que representa-lo! Acho que para mim o profissionalismo é isso. (BORDIN, 2014, p. 02)

⁴³ O acampamento ocorre para que a comissão técnica veja o nível das atletas do Brasil para futuras convocações. Nos últimos dois acampamentos, ocorridos nos anos de 2013 e 2014, foram selecionadas 90 atletas para cada acampamento. As seleções dessas atletas são feitas de duas formas, uma delas é através de inscrição online e a outra é feita pela comissão técnica, que circula nos campeonatos selecionando as atletas com possível potencial. O acampamento dura uma semana com treinos pela manhã, tarde e as vezes jogos a noite.

Para algumas atletas, ser profissionais está relacionado a receber para jogar, como explica Aragon (2104) “[...] levar ele como profissão mesmo, a gente recebe por conta dele, viver para ele, para o Handebol.” (ARAGON, 2014, p. 04).

O sentido e significado que as atletas de Handebol da equipe APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul, atribuem ao status profissional em alguns momentos se assemelham e em outros se distanciam. Face ao exposto, a forma como o Handebol gaúcho está atrelado ao esporte educacional, mais do que receber uma ajuda de custo no final do mês, essas atletas vêm no esporte outras possibilidades de ascensão.

O Handebol, em específico aquele vivenciado pela equipe investigada, tem uma ligação muito direta com o contexto escolar e ou universitário. Então ser profissionais do Handebol para essas atletas, vai além de uma ajuda de custo no final do mês. No seu entendimento a profissionalização engloba outros elementos tais como: a dedicação ao esporte, a responsabilidade de comparecer aos treinos, o ato de se doarem a modalidade ao ponto de mudarem de cidade, estado, ou país, o afastamento de familiares e namorados/as a renúncia à festas ou ainda a cuidados com a saúde, inclusive, com a alimentação. Ser profissional do Handebol para essa equipe pode ser resumida na fala de Juliana Borges Lima, “[...] **o que mais te leva a ser profissional é tu se ver como um profissional.**” (LIMA, 2014, p. 08, grifo da autora).

Toda trajetória percorrida por essas atletas desde a iniciação até o momento em que se vislumbram profissionais de Handebol não se configurou em uma linearidade, mas sim, em um emaranhado de elementos – dedicação, troca de cidade, abdições, família entre outros - que culminou na profissionalização dessas atletas no Handebol. Entre todos os elementos que fizeram parte desse processo, vejo dois como um dos principais estimuladores para se manterem firmes em seus objetivos, são eles: sonhos e frustrações os quais passo a referenciar a seguir.

4.4 Entre o banco e a quadra os sonhos e as frustrações no Handebol

O processo vivenciado para se tornarem atletas profissionais é permeado por sonhos e frustrações, que também ajudam a compreender o que mantem essas atletas jogando. No APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul, a maioria das atletas aponta a Seleção Brasileira de Handebol como seu maior sonho, como podemos visualizar em alguns depoimentos:

E um sonho para mim é chegar à Seleção, porque toda atleta, queira ou não, todos os atletas treinam, se esforçam para um dia chegar lá, não é nem pelo reconhecimento, mas por prazer mesmo, por gostar do que faz, por chegar lá. (WEISSHEIMER, 2014, p. 04)

Tenho é claro [riso], chegar ao nível de Seleção Brasileira, jogar na Europa, se Deus quiser. Até quando eu chegar ao profissional, aqui vai estar muito mais forte, talvez em nível parecido da Europa, então não precisa nem sair do Brasil. Mas como lá o nível é muito mais elevado, é tudo mais profissional, acaba que todo atleta tem o sonho de ir para a Europa, jogar na Seleção Brasileira adulta. É um dos maiores sonhos que a gente tem. (MATTOS, 2014, p. 04)

O sonho de chegar a Seleção Brasileira é uma fala recorrente das atletas mais novas da equipe, já que para elas isso ainda se configura em uma possibilidade real. Tanto que atualmente Juliana Borges Lima e Lígia Costa nas equipes de base da Seleção Brasileira e Samara da Silva Vieira que além das categorias de base, chegou a jogar pela Seleção Adulta de Handebol. Em contraponto, as jogadoras mais antigas, mesmo que tenham o sonho e desejo de serem convocadas pela Seleção, sabem que a cada ano que passa esse sonho fica mais difícil de tornar-se uma realidade, o que faz com que deixe de ser uma prioridade:

Hoje o meu maior sonho, é através do Handebol terminar a minha faculdade. Isso em primeiro lugar, em segundo é ser convocada para a Seleção Brasileira, porque estar na Seleção te dá mais possibilidades de concorrer o Bolsa Atleta. Eu não sei como funciona estar na Seleção Brasileira, porque tem meninas que jogam na Seleção Brasileira, mas não tem salário específico, assim, elas vivem do salário do clube. Por outro lado, tem o Bolsa Atleta, participam de mundiais, a melhor

jogadora é premiada. Mas só de estar na Seleção Brasileira já é outra coisa, já é outro mundo para o atleta. (MATEUS, 2014, p. 09)

Não sonho em chegar à Seleção, isso não, gosto do Handebol, gosto mesmo, só quem está dentro de quadra mesmo para sentir. (ARAGON, 2014, p. 05)

Seria a Seleção brasileira, mas eu não vejo como um sonho, uma meta a ser batida. Para mim, estando onde estou, estou bem, porque para mim já é uma grande conquista, porque eu sou de cidade pequena do interior do Rio Grande do Sul. E o Rio Grande do Sul não tem muitos times de handebol, muito menos lá para cima, para os lados da minha cidade, na minha região, então estando aqui já é muito bom. Mas se eu pudesse, eu iria muito mais longe, ou até em outro time, mas prefiro ficar aqui, perto de casa, no meu estado e jogando pelo meu estado, é maior orgulho. (CANDIDO, 2014, p. 04)

Se os sonhos são um combustível que as mantem jogando ou ainda lutando pelo esporte e pelos seus objetivos pessoais, em contrapartida, a maior frustração que o Handebol pode proporcionar a essas atletas seria algo que as fizesse ter que parar de jogar. Diante disso, elas acabam relatando as lesões que por algum tempo as deixaram fora das quadras.

Só com o tornozelo. Foi no final do ano passado, na última competição. Jogo do Novo Hamburgo contra Caxias, no segundo tempo, quase acabando vou e me machuco. Rompi o ligamento do tornozelo e tive um edema no osso e estou me recuperando até hoje, foi em novembro. Essa é a minha frustração. (ARAGON, 2014, p. 04)

Eu tenho início de hérnia de disco, é bem complicado, alguns exercícios eu tenho que cuidar para não machucar mais, o médico me avisou que se agravar terei que parar totalmente. Isso seria uma grande frustração para mim, ter que largar o handebol de repente. (ARES, 2014, p. 05)

A partir desses relatos, é possível observar que para essas atletas a dedicação ao Handebol, assim como, a vontade de jogá-lo é tanta que a pior coisa que poderia acontecer seria ter que abandoná-lo. Outro ponto relatado ao questioná-las sobre as frustrações que o Handebol já tinha lhes causado, refere-se às derrotas sofridas, seja em um campeonato, seja no fato de terem perdido uma grande chance de alçarem na carreira.

Frustração? Várias. Derrotas, por exemplo, eu jogo aqui, mas durante o verão eu jogo Handbeach que é handebol de areia. nesse ano a gente perdeu um campeonato que tínhamos grande chance de ganhar, porque o time era muito bom. Para um time do Rio Grande do Sul era um time bom. E não ganhando é uma frustração muito grande, porque tu sabes que poderia ter dado mais, ou quando eu não entro em jogo aqui, é claro que eu sei, eu entendo que tem muitas com melhor nível que eu, mas a gente sempre tem aquela expectativa a mais, sempre. Mas em relação a alguma frustração maior assim, eu não tenho não, só coisas de jogo, ou campeonatos que a gente não ganha, porque querendo ou não, quando a gente entra em um campeonato, a gente sempre quer ganhar ou conseguir um lugar onde a gente sabe que deu o nosso máximo, se a gente não deu o nosso máximo é porque alguma frustração teve no nosso interior. (CANDIDO, 2014, p. 03/04)

Para mim uma frustração foi em 2011, ia ter a seletiva para a Seleção Paranaense e em um campeonato, antes dessa seletiva, o meu técnico falou “Você vai estar lá, você tem chances de estar lá. Só que este jogo vai decidir se você vai ir ou não, você tem que jogar bem”. E justamente nesse jogo, joguei muito mal. Aí o técnico falou para mim “Você vai perder o seu lugar para ela.” Se referindo a outra central do time, e foi o que aconteceu. Acabei não pegando a Seleção Paranaense e isso me marcou muito, porque é uma coisa que eu poderia ter conseguido, ter alcançado, porém não alcancei. (WEISSHEIMER, 2014, p. 04)

Lesões, derrotas, não render 100% o tempo todo são elementos que permeiam o esporte de alto rendimento. Gonçalves e Vaz (2012) ao analisarem a dor e os sacrifícios de atletas profissionais e semiprofissionais de atletismo, apontam a dor e a lesão como eminentes no esporte de alto rendimento. Assim como salientam que a lesão é algo que “atrapalha o desempenho e, muitas vezes, frustra as expectativas dos atletas. Mas, como, de certa maneira, é inevitável, deve-se conviver com ela.” (p. 07).

Diante disso, além de ter que lidar com possíveis lesões “superar obstáculos, a cooperar com os companheiros e persistir diante da derrota.” (RUBIO, 2006, p. 88) é a melhor forma para alcançar os sonhos que movem essas atletas a jogar Handebol.

5 JOGO SEM BOLA: SÓ RECEBE QUEM APARECE

Nos jogos coletivos saber manusear bem uma bola é fundamental, mas o que destaca um/a jogador/a é a capacidade de movimentar-se sem a mesma. O mundo do esporte tem se configurado em um jogo sem bola, onde *só recebe quem aparece*.

Para refletir essa questão, recorro ao voleibol que na década de 1990 passou por uma remodelação das regras para se tornar mais competitivo e adequar as disputas dos jogos aos interesses da mídia. Além de ser criada a Liga Mundial de Vôlei, na qual competem as melhores seleções nacionais, essa disputa é baseada num moderno formato de marketing esportivo que agrega “transmissões dos jogos ao vivo, patrocínios milionários, gestão profissional e orientação para o espetáculo” (PRONI, 1998, p. 88). Esse novo formato trouxe à modalidade novas perspectivas, oportunizando aos/as atletas maiores possibilidades de se fortalecerem como profissionais.

Diante disso, me questiono o que falta para o Handebol impulsionar no cenário esportivo brasileiro? Questão complexa que não pretendo responder aqui, mas que me ajuda a pensar como tem se desenvolvido o Handebol, em uma equipe do Rio Grande do Sul, com foco no praticado por mulheres.

5.1 Nem só de número é feito a camisa que a atleta veste

Ainda que nos últimos anos a modalidade de Handebol tenha implantado as Ligas Estaduais e Nacionais para promoção e divulgação do esporte (Salles, 2004), o mesmo não tem sido suficiente para o seu desenvolvimento em relação a estruturas mais sólidas para as/os atletas que investem na modalidade como plano de carreira.

No Rio Grande do Sul a APAH/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul é uma equipe de mulheres que tem se destacado ao participar de competições nacionais e internacionais, entre essas competições, as de maior destaque são

a Liga Nacional de Handebol Feminino⁴⁴, a Copa do Brasil⁴⁵, a Copa Mercosul⁴⁶, o Campeonato Gaúcho⁴⁷, os Jogo Abertos Brasileiro (JAB's)⁴⁸ e os Jogos Universitários Brasileiros (JUB's)⁴⁹. Além disso, algumas de suas atletas⁵⁰ foram convocadas para o acampamento da Seleção Brasileira de Handebol de mulheres.

No entanto, isso não basta para que se possa assegurar a profissionalização das atletas. Para que as equipes e respectivamente a modalidade ganhe notoriedade e projeção é preciso investimento, como relata o Presidente da Federação Gaúcha de Handebol quando questionado sobre o que é necessário para dar visibilidade a modalidade.

Ah, eu acho que tudo se vira em dinheiro! Porque se tu quiseres um uniforme, tu vais ali ao fulano e ele te dá! Dá-te o uniforme! Por que ele te dá o uniforme? Porque tu passas quanto tempo com esse uniforme com o nome do cara? Né? Com quanto tempo tu passas? [...] Então, isso é fácil de dar! Agora, dar o dinheiro por dinheiro, não é fácil, isso que é difícil. Eu acho que esse PROESP é a mão na roda de todo mundo e como vai ser para a Federação se nós conseguirmos ganhar os 30 mil por ano, isso dá uma alavancada, dá uma ajudada. (ANTONELLO, 2013, p. 15)

Aquilo que relata em seus depoimentos pode ser identificado quando observamos a camiseta abaixo da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul, modelo 2014. O novo uniforme na cor amarela foi elaborado especialmente em homenagem aos vinte anos da morte de Ayrton Senna, nela também é possível contar onze patrocinadores, sendo eles, três de iniciativa pública – Financiamento Prefeitura de Caxias do Sul, Fiesporte e Lei de incentivo ao esporte – e oito de iniciativa de privada – Universidade de Caxias do Sul, Agrale, Empresas Rondon, Marcopolo, Crediare, Intral reatores e luminárias e Asics.

⁴⁴ Semifinalista nos anos de 2009/2010/2011;

⁴⁵ Terceira colocação nos anos 2011/2013;

⁴⁶ Tetra Campeãs, títulos conquistados nos anos de 2010/2011/2012/2013;

⁴⁷ Tetra Campeãs, títulos conquistados nos anos de 2009/2010/2011/2012;

⁴⁸ Segunda colocação no ano de 2013;

⁴⁹ Segunda colocação no ano de 2004;

⁵⁰ Lígia Costa, Juliana Borges de Lima e Kassiane Oliveira de Lemos;



Muitas vezes a obtenção de patrocínio é destinado “para o custeio das despesas relativas a participação (transporte, alojamento e alimentação), não conseguindo receitas para remunerar seus atletas e comissão técnica.” (SALLES, 2004, p. 305-306).

Diminuir as despesas das equipes em competições tem sido uma das preocupações da Federação Gaúcha de Handebol (FGH) como descreve Antonello,

Nós estamos agora em um projeto do estado em nível de Rio Grande do Sul. Temos um projeto com a FUNDERGS⁵¹, e ela fez um projeto com o Kalil Sehbe que era um jogador de handebol também. Que é, aliás, o secretário do esporte do Rio Grande do Sul. Ele tem um projeto na FUNDERGS de quatro anos. Uma ajuda às federações de 30 mil reais por ano pra cada federação durante quatro anos [...] Esse projeto visa o que? Visa pagar as arbitragens para os clubes, a hospedagem dos clubes, a hospedagem e alimentação dos árbitros. Isso tudo é o clube que paga. Então nós tentamos tirar isso aí pra ver se aliviamos os clubes dessas despesas que eles têm. (ANTONELLO, 2013, p. 07)

Sobre o empenho de tentar diminuir os gastos das equipes o

⁵¹Fundação do esporte e lazer do Rio Grande do Sul;

entrevistado acrescenta “a gente vê, tenta fazer os projetos, tenta alinhar ao máximo para poder ajudar com que eles participem. Mas é por conta das equipes mesmo, elas que se montam para poder jogar.” (2013, p.13)

Rafael Santos ao comentar sobre o trabalho da FGH relata que “[...] gerir o Handebol eles gerem direitinho, fazer tabela e realizar os campeonatos, isso está tranquilo [...]” (2014, p. 05). Mas complementa dizendo que o grande problema é “[...] falta investimento da iniciativa privada, falta um pouco do apoio público, então fica restrito a parte administrativa [...]” (2014, p. 05).

Essa preocupação que a FGH tem em diminuir os gastos em competições infere as equipes para investir em competições, na tentativa de que ao se destacarem em campeonatos, o mesmo pode facilitar patrocínios e investimentos em sua equipe. A procura por patrocínios privados e a fusão com escolas e Universidades são as formas encontradas pelas equipes para proporcionar oportunidades a atletas de se dedicarem somente a modalidade.

No ano de 2013, a APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul obteve a quantia de R\$ 110.000,00 em patrocínios de empresas privadas, como mostra a imagem retirada do site da equipe no link destinado as prestações de conta.

Proponente: Associação dos Pais e Amigos do Handebol - 07.336.877/0001-05			
Título do Projeto:	Equipe Adulta de Handebol Feminino - Ano III		
Nº SLIE:	1204806-20	UF:	RS
Nº do Processo:	58701.001974/2012-35	Estimativa Público:	14
Valor Aprovado para Captação (R\$):	209.916,00	Prazo para Captação:	13/12/2012 a 04/12/2013
Data de Publicação:	13/12/2012	Situação do Projeto:	Aprovado Comissão Técnica
QUEM PATROCINOU ou DOOU		Data da Captação	Valor Captado (R\$)
Patrocinador: AGRALE S.A.		15/01/2013	30.000,00
Patrocinador: CADENCE INDUSTRIA E COMERCIO LTDA.		15/01/2013	20.000,00
Patrocinador: CIFERAL INDÚSTRIA DE ÔNIBUS LTDA		15/01/2013	60.000,00
Valor captado:			110.000,00

Fonte: <http://apahand.wix.com/handebolcaxias>;

Como podemos visualizar a obtenção de recursos é feita através de projetos que tem vigência de um ano, sendo necessário a cada ano refazer todo o processo, o que incorre no risco de não ter recurso para a continuidade do trabalho com a equipe. Os recursos permitem que o clube/equipe contrate jogadoras de outras cidades e/ou outros estados, mas isso não é o suficiente para a prosperidade das equipes, pois os investimentos são muito provisórios e frágeis.

Em nível nacional, o que se vê é um investimento na Seleção principal, mas em nível de investimento nos clubes parece não existir a preocupação por parte da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) em ajudar desenvolver as categorias de base. Rafael Santos, ao discorrer sobre a CBHb, afirma:

[...] eles fazem muito bem a parte administrativa, eles administrativamente tentam cumprir o máximo o papel que lhes cabe, a Confederação agora conseguiu um bom apoio financeiramente dos Correios e do Banco do Brasil. Com isso eles conseguem subsídios maiores e um investimento melhor, mas ainda falta investimento nos clubes, falta repassar esse investimento para os clubes, e isso é uma reivindicação a nível nacional, eles investem muito em Seleção, mas muito pouco em clube, daqui uns dias vai faltar clube, vai faltar atleta. (SANTOS, 2014, p. 05)

O desabafo de Rafael Santos sobre CBHb, faz menção ao fato da instituição ter assinado um contrato efetivado para as temporadas 2013/2014 com o Banco do Brasil e com os Correios para ampliar os recursos visando à preparação de atletas brasileiras. Sendo que o Banco do Brasil destinou o valor de R\$ 4,4 milhões, e os Correios, a soma de R\$ 5 milhões, totalizando 9,4 milhões de reais. Desse total, para a temporada de 2014, serão destinados 6,4 milhões diretamente ao Plano Brasil sem Medalhas, que tem como objetivo destinar recursos às seleções nacionais de homens e mulheres para preparação aos Jogos Olímpicos de 2016.

A falta de investimentos nos clubes e em categorias de bases acaba por deixar os dirigentes dos clubes muitas vezes em situações precárias, um

exemplo disso, foi a decisão que a APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul tomou ao optar por investir na categoria adulta.

5.2 Entre passes e dribles as mulheres marcam gol

Melhor jogadora do mundo de Handebol (2013), Campeãs Mundiais de Handebol Feminino (2013), Campeãs nos Jogos Sul-Americanos (2014), Campeãs no Mundial de Handebol Universitário (2014). O Handebol praticado por mulheres tem colocado o Handebol nacional diante do mundo com suas últimas conquistas. No Rio Grande do Sul as mulheres compõe um número superior aos homens na soma das cinco categorias que disputam: mirim/infantil; cadete e juvenil/adulto). Segundo Antonello,

É, tem mais mulheres do que homens. Estamos assim ó: o cadete feminino tem nove equipes inscritas. O infantil feminino tem oito equipes inscritas. O mirim tem seis. E o juvenil feminino tem nove equipes inscritas. Agora, em compensação no masculino tu tens: oito no cadete, tu tem cinco no infantil e tu tem três no mirim. E não tem jeito de melhorar. Tu faz proposta e tudo, mas não adianta. Não se tem os homens. Não se consegue mais. Não tem jeito. Os homens, o masculino estão virados assim ó: Santa Maria que é o Margarida Lopes⁵², que é o forte no estado também, né? O Recreio da Juventude de Caxias do Sul, o colégio Farroupilha, em Porto Alegre, mas que é assim ó: só vai nas que ele tem condições. Então vai naquelas ali. Se ele tem quatro ou cinco jogadores que são bons naquelas categorias ele vai colocar naquela categoria. Ele não pensa em fazer a base pra depois ter adiante, eles querem é o atual só. (ANTONELLO, 2013, p. 09)

Percebe-se então que as mulheres tem se apropriado mais da prática desta modalidade do que os homens, com equipes buscando maior qualificação desde as categorias de base. Esse cenário talvez tenha sido o que em diferentes estados, possibilitou que a seleção de Handebol praticado por mulheres conseguisse resultados tão favoráveis no cenário mundial. Ou seja, o investimento na formação de base. Mesmo assim, apesar destas conquistas a

⁵² Escola Estadual Professora Margarida Lopes- Santa Maria/RS;

visibilidade e a estruturação da modalidade ainda não é não tem sido o suficiente para manter as jogadoras de alto nível atuando em equipes brasileiras.

Mesmo com as mulheres se apropriando da prática do Handebol e conquistando mais títulos que os homens, ainda existe uma diferenciação em relação aos patrocínios conforme podemos ver no relato de Pablo Juan Greco,

A prática do handebol aqui no Brasil, o feminino se desenvolveu, curiosamente, mais rápido e com muita qualidade, mas ainda é mais fácil se obter patrocínio para equipes masculinas do que para equipes femininas. (GRECO, 2013, s/p)

Essa fala só reitera a diferença que se faz presente quando se trata dos incentivos e visibilidades destinadas para os homens e para mulheres no contexto esportivo. Todavia o entrevistado explica que em nível de Confederação Nacional de Handebol, “geralmente fecha patrocínio com a confederação e não com uma equipe como uma forma de evitar esse tipo de situação” (GRECO, 2013, p. 06).

Ao procurar subsídios que corroborassem a fala de Pablo Greco, não encontrei nenhuma informação no site da CBHb que mencionasse o valor que é investido nas Seleções, apesar de haver documentos relativos a prestações de contas. Todavia, a notícia veiculada no dia 23 abril de 2014 no site O globo⁵³ na seção de esportes – imagem abaixo - chamou minha atenção. Após três anos de convênio estabelecido entre a CBHb e a equipe Hypo da Áustria foi rompido.

A explicação para tal atitude repousa no argumento de que com a conquista do mundial, as jogadoras da Seleção estariam mais valorizadas e o clube não teria condições de cobrir ofertas feitas por outros clubes. E de acordo com o presidente da Confederação Brasileira de Handebol, Manoel Luiz Oliveira, não a motivos para manter a parceria, já que a base da Seleção Brasileira já esta bem preparada para disputar os Jogos Olímpicos e bem cotada para conquistar medalhas.

⁵³ www.globoesporte.globo.com/handebol/brasilemparcerias;

HANDEBOL



Bem cotada. Fabiana Diniz, a Dara, foi a última das brasileiras campeãs mundiais a deixar o austríaco Hypo Nô, que tinha acordo de intercâmbio com a CBHb

Nova ordem BRASIL SEM PARCERIAS

Com a valorização das brasileiras após o título mundial, CBHb não quer saber mais de acordos com clubes europeus

VICTOR COSTA
victor.costa@oglobo.com.br

Capitã da seleção brasileira feminina, a pivô Fabiana Diniz, mais conhecida como Dara, deixou o time austríaco Hypo Nô para chegar com status de principal contratação do francês Nantes para a próxima temporada. A valorização das campeãs mundiais, após o inédito título obtido na Sérvia, em 2013, fez o Brasil mexer na ordem do mercado do handebol feminino. Para a confederação brasileira da modalidade, a CBHb, não é mais preciso fazer parcerias como a que existia com o time austríaco.

— Nossas jogadoras estão com um bom mercado na Europa. Depois do título mundial,

muitos clubes nos procuraram para fazer parcerias. No entanto, não vejo vantagem nesse momento em estabelecer um novo acordo. A base da seleção brasileira para Olimpíadas do Rio-2016 já está montada — disse o presidente da CBHb, Manoel Luiz Oliveira.

A parceria com o Hypo Nô foi tida como um dos principais pilares para o sucesso brasileiro, junto com a contratação do técnico dinamarquês Morten Soubak. O acordo consistia num intercâmbio e tem duração até junho deste ano, mas a CBHb optou por não renovar.

Atualmente, apenas Carolinne Minto e Franciele Rocha permanecem no Hypo. Antes, além de Dara, as pontas Alexandra e Fernanda França, a

armadora Deonise e a central Ana Paula, todas campeãs mundiais, também jogavam no time austríaco.

Após o título, no entanto, a relação ficou desgastada. As brasileiras se valorizaram, e o Hypo não teve condições de cobrir as ofertas de outros clubes europeus. Além disso, o presidente da CBHb reclama que as brasileiras jogaram mais partidas do que deveriam pelo time austríaco, já que elas eram de longe as melhores peças do elenco.

— O Hypo não se preparou da melhor maneira possível após o título mundial. Não montou um elenco equilibrado para poupar as titulares. E acabou ficando de fora das principais competições europeias, o que contribuiu ainda mais para a saída das brasileiras — criticou o presidente.

APRENDIZADO FRANCÊS

Assim como o dirigente, a capitã Dar sabe que a parceria foi boa, mas a considera como um ciclo que chegou ao fim.

— O convênio durou enquanto foi bom para ambas as partes. De nada adiantaria seguir com qualquer tipo de descontentamento. O handebol brasileiro nem perde nem ganha. Foi uma experiência que resultou em muita ajuda para vencer o Mundial. Porém, o título mundial já ficou para trás, e vamos em busca de novos troféus — analisou Dara, que se apresentará ao Nantes no fim de julho.

— Admiro muito a escola francesa, onde existe um grande lado defensivo. Gosto da simplicidade e da eficácia do jogo. ♦

“

“O convênio durou enquanto foi bom para ambas as partes. De nada adiantaria seguir com qualquer tipo de descontentamento.”

Fabiana Diniz, a Dara
Capitã da seleção brasileira

Na busca de espaço e visibilidade para o Handebol, as mulheres têm configurado rupturas ao alcançarem feitos inéditos para o Handebol nacional, lutando pela sua visibilidade nos meios de comunicação, aproveitando das conquistas para fechar patrocínios e promover a modalidade.

Como foi o caso da jogadora Alexandra Nascimento que logo após ser premiada como Melhor jogadora de Handebol do mundo sua imagem figurou em publicidade de um dos atuais patrocinadores do Handebol Brasileiro, o Banco do Brasil.

Parabéns meninas!
A nossa parceria
parece até uma
jogada ensaiada.

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

**Banco do Brasil,
Patrocinador Oficial
da Seleção Brasileira
de Handebol.**

Depois de 22 anos apoiando o esporte, temos fôlego de sobra para cantar muitas vitórias. E com o handebol não poderia ser diferente. Porque acreditar no esporte brasileiro é bom pra todos.

Alexandra – Melhor atleta de handebol 2013
Prêmio Brasil Olímpico.

#TorcidaBrasil
@bbnosportes /bbnosportes bb.com.br/esporte
SAC 0800 729 0722 • Ouvidoria BB 0800 729 5678
Deficiente Auditivo ou de Fala: 0800 729 0088

BOM PRATODOS

Fonte: Jornal Zero Hora.

Mas nem a conquista do Mundial parece animar a visão do treinador da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul sobre o futuro do Handebol em contexto nacional.

[...] depois que a Seleção brasileira foi campeã do mundo, diversos amigos vinham lá “Ah, meus parabéns, tu teve influência nisso, tu também teve a participação, teve atletas de vocês, teve gente que treinou contigo e tá lá hoje”. “Ah, muito obrigado, eu agradeço pela lembrança.” Agora tudo vai melhorar. Ai vem aquela pequena depressão. Não, talvez não,

talvez agora não seja ainda o momento que vai melhorar. Porque a gente se espelha muito no vôlei, o vôlei não era nada no Brasil, a partir do momento que teve a medalha de prata masculina nas Olimpíadas ele deu uma crescadinha, e em Barcelona quando teve a medalha de ouro então explodiu e virou a potência que é hoje. A gente sabe que é só o vôlei ficar inativo por uns quatro ou cinco anos, ter uma geração Olímpica que não ganhe nada, o esporte volta lá para baixo. Eu vejo que ainda não foi o momento do handebol, muita gente esperava que fosse nesse campeonato mundial, mas eu acho que ainda não vai ser, que não vai conseguir, não vai ser dessa vez que o esporte vai decolar. Talvez uma medalha Olímpica no Brasil, que é o que todo mundo espera.

A comparação com o voleibol tem sentido ao revermos a trajetória do desta modalidade esportiva no Brasil, em especial a partir da década de 1990. Em sua tese Wanderley Marchi Junior (2001) buscou identificar como e por quais razões ocorreram as transições na história da modalidade, além de explicitar as relações, consequências estabelecidas nesse trajeto que acabou redirecionando e modificando o sentido e a lógica do consumo e da prática do Voleibol.

Assim como as atletas do Handebol, uma leva de atletas do Voleibol buscaram no final da década de 1970 e década de 1980 melhores condições para se manterem no esporte transferindo-se para jogar na Itália e nos EUA. O que resultou em 1980, nos Jogos Olímpicos de Moscou, foi que a Seleção Brasileira de Voleibol de homens venceu a então campeã olímpica Polônia. A partir dessa conquista ocorre uma movimentação para que esses atletas tivessem condições de jogar no Brasil. A primeira delas foi a liberação para que empresas pudessem patrocinar os clubes ou entidades esportivas e exibirem suas marcas nos uniformes tornando o voleibol um espetáculo vendível (JUNIOR, 2001).

O Handebol de certo modo também tem investido no aperfeiçoamento técnico e tático de suas atletas. O convênio firmado entre a Confederação Brasileira de Handebol e a equipe Austríaca Hypo, assinado no dia 11 de julho de 2011 parece ser uma tentativa nessa direção. Desde então oito atletas brasileiras foram transferidas para a Áustria na tentativa de sua qualificação profissional e, também, da qualificação do Handebol brasileiro buscando ascender no cenário mundial. Assim como no voleibol, a ida de atletas para

jogar na Europa fez com que o nível técnico e tático das atletas se equivalesse com as grandes potências do Handebol hoje.

Em relação a patrocinadores, o Handebol não possui restrições, conforme podemos perceber na camiseta mostrada anteriormente, na qual é possível visualizar sete empresas privadas que patrocinam o Handebol Caxiense. Todavia Rafael Santos (2014) relata que todo ano é uma nova luta para conseguir manter os patrocinadores como também trazer novos incentivadores e, conseqüentemente, recursos. Em seu depoimento comenta sobre as leis de incentivo ao esporte, que tem sido uma ótima iniciativa do governo federal, estadual e municipal. Entretanto afirma que não há interesse das empresas privadas em repassar o dinheiro para o esporte.

[...] a gente vê o governo tanto estadual quanto municipal e federal dá uma mão, leis de incentivo, fundos, quando é lei de incentivo a empresa, só repassar o valor do imposto de renda, não tem custo nenhum, em vez dela dar para o governo, ela teria que repassar para o clube, as empresas não fazem isso, eles não tem custo nenhum, nada, eles não precisam se envolver em nada, é só ao invés deles pagarem um por cento do imposto de renda devido para o governo federal, eles só repassam para o esporte. E não acontece, as empresas não querem, e não é só no handebol, é em qualquer outro esporte. (SANTOS, 2014, p. 08)

Os motivos que levam as empresas a não repassarem o valor para o esporte, em específico ao Handebol podem ser vários, dentre eles a falta de profissionalismo dos dirigentes. (Santos, 2014). Outro motivo pode ser a falta de *marketing*, pois um dos grandes movimentos feito para alavancar o Voleibol foi torna-lo vendível, assim como é o futebol, que movimenta milhões em venda de mercadorias relacionada a determinado time.

O esporte de alto rendimento não pode ser dissociado do espetáculo e da sua estreita relação com a mídia. Isso me remete a refletir, a partir das entrevistas, sobre o Handebol em sua relação com o público é com a visibilidade que o cerca atualmente. Esses temas foram recorrentes nos depoimentos das atletas quando questionadas sobre o que falta para o Handebol ascender de vez no cenário brasileiro.

O Handebol, ao conquistar o Mundial tinha em mãos a grande chance de conquistar seu espaço na mídia brasileira e talvez atrair um maior público para seus jogos. Mas como apontou Alessandra em seu depoimento, este seria o grande ano do Handebol, se não fosse o ano da Copa do Mundo de futebol de homens no Brasil.

Assim, eu acho que agora como o fato da Seleção feminina ter ganhado o Mundial teve um olhar maior, mas eu acredito que esse ano por ser o ano da Copa do Mundo vai meio que se voltar tudo para o futebol de novo. Não acho que o handebol seja muito divulgado. (BOFF, 2014, 03)

Na verdade se tu fores comparar. Quer ver? A Alexandra Nascimento, capixaba, eleita a melhor jogadora do mundo teve quinze segundos de Jornal Nacional, só falaram “Alexandra Nascimento, brasileira, a melhor jogadora do mundo”. Então é muito rápido infelizmente. Felizmente elas foram Campeãs Mundiais, só que elas foram Campeãs Mundiais em ano de Copa do Mundo. Só se fala de Copa do Mundo, e uma coisa que foi grandiosa, que elas conquistaram, caiu no esquecimento. Porque só se fala nos estádios que não estão prontos, falam disso e daquilo. Então a gente esperava que fosse dar uma mudança muito grande, mas é ano de Copa do Mundo, ficou um pouco esquecido. Mas acredito que em alguns anos vai dar uma melhorada, que as Olimpíadas de 2016 o Brasil, a Seleção Feminina serão Campeãs Olímpicas, já dá uma diferença e vai crescendo. (LIMA, 2014, 07)

A chance de serem reconhecidas foi ofuscada pela Copa do Mundo de 2014, todavia existe uma esperança por parte das atletas que logo o Handebol consiga se projetar na mídia. Mas para isso, talvez seja necessário tornar o Handebol um produto vendível, capaz de atrair público aos jogos e também o interesse da mídia.

Marchi Junior (2001) relata a importância da mídia para alavancar o voleibol

A intervenção da mídia consubstanciou ou materializou o sucesso da modalidade, que, posteriormente, apresentou-se como um negócio financeiro viável de duplo sentido, ou seja, o Voleibol e as empresas precisam da mídia assim como a mídia precisa dos espetáculos esportivos de qualidade para a demanda de seu público. (JÚNIOR, 2001, p. 138)

O que percebo a partir da pesquisa de Junior (2001) ao relacionar com

a situação do Handebol é para o esporte ascender é necessário que exista uma ligação entre esporte – mídia – público. Pois esses três elementos podem vir a alavancar o sucesso de uma modalidade, já que, se o esporte está na mídia, vai haver interesse do público, que além de dar audiência a modalidade também passará a querer ir assistir aos jogos. Nos depoimentos, as atletas relatam que o público é pequeno nos jogos, sendo normalmente composto por familiares e amigos/as, mesmo sendo um evento gratuito. Como podemos visualizar nos trechos abaixo:

Às vezes acontecia de ter jogos da Seleção e ser de graça, justamente porque não tem público. Se eles cobrassem não ia aparecer ninguém, então eu acho que falta divulgação as vezes. (BOFF, 2014, 03)

Então, o fato de não ser divulgado na mídia faz com que as pessoas não saibam. **Um exemplo, em Cascavel no mesmo ginásio em que a gente treinava a tarde Handebol, a noite tinha Futsal. Nos jogos de Futsal cobravam entrada e lotava, nos de Handebol, mesmo sendo jogo da Liga Nacional e entrada gratuita, o ginásio ficava praticamente vazio.** A falta de divulgação faz com que o povo não se interessa em ir ver, conhecer. Acaba indo no que já se conhece, no que já sabe. No Paraná o Handebol não é reconhecido. As pessoas que prestigiam, é da família, a família sabe que o filho joga, daí fala para o tio, assim vai indo, mas fora isso não tem muito. (WEISSHEIMER, 2014, 04)

Transformar a modalidade atrativa o suficiente ao ponto das pessoas pagarem para vê-lo seria o que Miranda (2008) apud Melo Filho (2000) chamou de “o germe de profissionalismo”. Miranda (2008) complementa essa ideia ao afirmar que esta relação está muita clara no Futebol, mas em outras modalidades a lógica é inversa, pois além de não serem cobrados os ingressos para assistir muitos jogos, quando o fazem, é com um valor simbólico ou até mesmo com doações de mantimentos que serão doados. E como mais uma garantia, alguns patrocinadores distribuem camisetas, bonés e brindes em geral. Esse formato de espetáculo é muito comum de se ver em jogos de voleibol, na qual toda torcida está com a mesma camiseta, bonés e balões com as marcas do/s patrocinadores/s.

Reconhecer o Handebol como uma modalidade capaz de produzir

espetáculos, atrair grandes públicos e entrar no rol dos esportes que movimentam um maior capital, é um dos movimentos necessários para que a modalidade tenha melhores condições de proporcionar para que suas atletas melhorem sua dedicação ao Handebol.

APITO FINAL: É SÓ A PRIMEIRA PARTIDA DA TEMPORADA

Finalizar o processo de escrita dessa dissertação não significa que todas suas possibilidades se esgotaram, mas sim admitir que o apito final dessa partida já soou e é preciso tirar o time de quadra. Mas antes desse ato derradeiro se faz necessário rever toda a partida e os elementos que marcaram esse processo.

Estudar o processo de profissionalização de atletas praticantes de Handebol de um time do Rio Grande do Sul, assim como, o que entendem ser profissionais do Handebol, se configurou em um árduo caminho, uma vez que ao adentrar nas discussões que tecem essa dissertação me vi fora de minha zona de conforto. Pois, ao escolher o Handebol praticado por mulheres como foco de pesquisa, em um primeiro momento tinha como intenção discutir a apropriação das mulheres de um esporte – na qual até o momento eu achava – ser um esporte de homens.

Todavia, ao adentrar no mundo do Handebol, percebi que por mais que o Handebol exija força, agilidade e destreza – atributos normalmente associados aos homens – esses predicados não eram atribuídos pelas mulheres praticantes de Handebol como algo masculino ou masculinizante, mas sim atributos que a modalidade exigia para o jogo.

Enquanto eu era tomada por essas questões, outro campo foi se abrindo, entre eles, refletir e analisar as questões que envolvem o processo de profissionalização das mulheres que praticam Handebol como também o que elas entendem ser profissionais do esporte. Visto que, muito pouco se tem discutido sobre o Handebol, e quando relacionado às mulheres que dedicam suas vidas a modalidade, quase nada se tem.

Para responder as questões que norteiam essa dissertação tomei como locus de pesquisa a equipe APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul. Essa escolha não se deu de forma aleatória, visto que em um primeiro momento, a intenção era pesquisar as duas equipes gaúchas que participam da Liga Nacional de Handebol – Santa/Feevale/Novo Hamburgo e

APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul – competição de maior prestígio do Handebol. Todavia, no decorrer da pesquisa, a equipe estudada foi se mostrando mais receptiva e ágil no contato entre pesquisadora e as atletas.

Ao analisar como se dá o processo de profissionalização das atletas da APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul no capítulo cinco, intitulado *PRÉ-TEMPORADA: os caminhos percorridos pelas atletas até o alto rendimento* percebi que boa parte das jogadoras iniciam sua trajetória no contexto escolar, normalmente inspiradas por algum familiar – no caso de algumas atletas, pela irmã. Esse dado nos mostra a estreita ligação que o Handebol possui com a instituição escolar, podendo salientar ainda, que não somente no Rio Grande do Sul, mas em outras localidades, visto que, o time possui sete jogadoras provenientes de outros estados.

Face ao exposto, esse início na escola, como aponta as atletas, e visto como uma brincadeira, um lazer, tomando proporções de seriedade quando o número de treinos por semana e as cobranças em campeonatos aumentam. No momento em que o Handebol passa a ganhar status de seriedade pelas jogadoras, elas começam a vislumbrar algumas possibilidades, sendo a primeira delas, ganhar uma bolsa de estudos em alguma escola privada ou entrar para alguma equipe da cidade. E dentro da possibilidade de virarem atletas de alto rendimento, que sair de casa, planejar a carreira e dar continuidade aos estudos marca a primeira transição dessas atletas rumo ao esporte profissional.

Nesse sentido, a escolha de investir na carreira dependia do aceite e apoio da família, na qual em um primeiro momento fica claro certa resistência, marcada, sobretudo, pela saída das filhas de casa para jogar em outra localidade. Receio que à medida que elas se destacavam ia sendo substituído pelo apoio.

Jogar por estudo, alimentação e moradia para essas atletas é o suficiente para se considerarem e denominarem profissionais do esporte. Contudo se dedicar ao esporte e ter ele como um meio de vida agrega outros elementos que apontam como constituinte para alguém que queira viver do esporte, como: dedicação dentro e fora de quadra ao Handebol, se abdicar muitas vezes de ficar perto da família, amigos/as e namorados/as e cuidar da

alimentação. São esses elementos e condições que evocam a representação de profissional do esporte que essas atletas construíram para si.

Todavia todas as jogadoras tem consciência que a carreira de atleta, em específico a de Handebol, não garante ganhos financeiros exorbitantes, sendo necessário investir no estudo como um amparo no momento em que não puderem mais jogar. A garantia de se formarem através do esporte, conhecer diferentes lugares nacionais e internacionais são os pontos positivos apontados pelas atletas conquistados através do Handebol.

A estreita relação entre o esporte e a educação vai se delineando durante todo o início, desenvolvimento e consolidação da carreira, juntamente com os sonhos e frustrações que a mesma contempla. Ao comentarem sobre seus sonhos e frustrações percebi que boa parte dela – aqui me refiro as mais novas da equipe – tem o sonho de chegar a Seleção brasileira ou de jogar na Europa. Contudo também foi possível perceber que as atletas que já passaram dos 23 anos tem como prioridade se formar em um curso superior, ficando clara a consciência que possuem em relação ao tempo que possuem no Handebol.

Em contrapartida, as atletas jovens que possuem o sonho de chegar a seleção ou ainda de jogar na Europa apontam a falta de visibilidade e incentivo para que a modalidade ascenda e com isso elas ganhem espaço e outras oportunidades. A partir dessas falas discorri no capítulo seis, intitulado JOGO SEM BOLA: SÓ RECEBE QUEM APARECE, sobre a relação do Handebol com o esporte espetáculo, no qual foi possível perceber que apesar de haver a Liga Nacional como competição de maior prestígio dentro da modalidade, pouco se tem investido por parte da Confederação Brasileira de Handebol para que a competição se faça visível na mídia.

O que se tem visto por parte da Confederação até então foi um incentivo na Seleção principal, procurando apoio de empresas estatais, como Banco do Brasil e Correios. Outra iniciativa da Confederação foi o convênio fechado com a Hypo da Áustria em 2011, todavia o mesmo teve fim esse ano por acharem que a Seleção após a conquista do Mundial, está pronta para disputar uma medalha Olímpica, como também, a valorização das atletas fez com que a Hypo não tivesse condições de manter o contrato com as atletas.

Por fim, a investigação realizada permitiu entender como se dá a pseudoprofissionalização de uma modalidade específica que, apesar de trazer conquistas importantes ao cenário esportivo nacional, ainda apresenta condições precárias de estrutura, ofertando às atletas condições muito frágeis e inseguras de viver do esporte. Quiçá outros estudos, em outros contextos nacionais revelem outra realidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Elisabeth Maciel de. **Avaliação da técnica de amostragem Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas.** Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009. Dissertação de Mestrado, 99p.

ANTONELLO, Iradil. **Depoimento de Iradil Antonello:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2013.

ARAGON, Tamara Christiny Serra. **Depoimento de Tamara Christiny Serra Aragon:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

ARANTES, Gabriela Villela. **A História do handebol em Minas Gerais.** Monografia de Graduação apresentada a Universidade Federal de Minas Gerais. 2010.

ARES, Alessandra. **Depoimento de Alessandra Ares:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin; Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE/ **I Seminário Internacional de Representações sociais, subjetividade e educação** – SIRSSE. Curitiba/PUCPR, 2011.

BOFF, Luiza Pieruccini. **Depoimento de Luiza Pieruccini Boff:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

BRASIL. Lei nº 9.615, de 24 de Março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 25/03/1998 , Página 1 (Publicação Original). Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1998/lei-9615-24-marco-1998-351240-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 14 ago. 2014.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. Obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de Antônio Luiz de Toledo Pinto, Márcia Cristina Vaz dos Santos Windt e Luiz Eduardo Alves de Siqueira. 27. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

CAMARGO NETTO, Francisco. **Handebol.** 4. ed. Porto Alegre: Prodil, 1982.

CÂNDIDO, Winnie Jenifer Moreno. **Depoimento de Winnie Jenifer Moreno**

Cândido: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta.** 4ª ed. Campinas: Papirus, 1994.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL. **Handebol: regras oficiais 2010.** São Paulo: Phorte, 2010. [tradução Sálvio Pereira Sedrez]

DACOSTA, Lamartine Pereira. **Atlas do esporte no Brasil: Atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil.** Rio de Janeiro: Shape, 2005, p. 281 – 284.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte:** história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

DUNNING, Eric. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da Excitação.** Lisboa: Difel, 299 – 325, 1992.

ERICSSON, K.A. **Development of Elite Performance and Deliberate Practice:** An Update From the Perspective of the Expert Performance Approach. In: STARKES, J. L. & ERICSSON, K. A. (Eds.) Expert performance in sports: advances in research on sports expertise. Champaign, IL: Human Kinetics, p. 49-83, 2003.

FERREIRA, Pedro. **Handebol de salão.** 2. ed. São Paulo: Cia. Brasil, 1982.

FERREIRA, Pedro. **Regras de handebol: mais de mil perguntas e respostas.** São Paulo: Ateniense, 1989.

GIACOMINI, Celso. **Depoimento Celso Giacomini:** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade. In: OLIVEIRA, Amauri A. B.; PERIM, Gianna L. (Orgs.). **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo:** da reflexão à prática. Maringá: Eduem, 2009. p. 73-88.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Prefácio. Memórias olímpicas: a vez e a voz das mulheres. In: RUBIO, Katia (Org.). **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 5-9.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero. In: GONZÁLEZ, J. M. & FENSTERSEIFER, P. E. (orgs). **Dicionário crítico de Educação Física.** Ijuí: Unijuí, 2005. p. 207-209.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática,** Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005b.

GONÇALVEZ, Michelle Carreirão; VAZ, Alexandre Fernandez. Educação do corpo, dor, sacrifícios, um estudo com competidores de atletismo. **Revista Ibero-americana de educação**. Nº 58/1, jan. 2012.

GONZALEZ, Fernando Jaime. **Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação**. Revista Digital, Buenos Aires, v.10, n.71, abril, 2004.

GRECO, Pablo Juan. **Depoimento de Pablo Juan Greco II: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2013.

JAEGER, Angelita Alice. Gênero, esporte e mulheres. In: **Movimento**. Porto Alegre, v. 12, nº 01, p.199-210, jan/abr de 2006.

JÓIA, Danielle. **Depoimento de Danielle Jóia: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2013.

JUNIOR, Wanderley Marchi. **“Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 – 2000)**. 2001. 282f. Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

KESSLER, Cláudia Samuel. Se é futebol é masculino? Sociologias Plurais - **Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Sociologia**, n. especial um, p. 240-254, out. 2012. Disponível em: <<http://www.sociologiasplurais.ufpr.br/index.php>> Acesso em: 20 de junho 2013.

KNIJNIK, J. D; VASCONCELLOS. E. G. Sem impedimento: O coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In COZAC. J. R. (Org). **Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte**. São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003. p. 2-18.

KNIJNIK. J. D; SOUZA, J. S. S. de.; A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 35-48, 2007.

LEMOS, Kassiane Oliveira de. **Depoimento Kassiane Oliveira de Lemos: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

LIMA, Juliana Borges. **Depoimento de Juliana Borges Lima: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

LISBOA, George Lodder. **Os fundamentos do handebol**. Viçosa: Imprensa Universitária da Universidade Federal de Viçosa, 1983.

LUZ, Tuanna Letícia Silva da. **Depoimento de Tuanna Letícia Silva da Luz: Projeto Garimpando Memórias.** Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

MARQUES, Mauricio Pimenta. **Análise da transição da carreira esportiva de atletas de futebol da fase amadora para a fase profissional.** 2008. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física. Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2008.

MATEUS, Daniele Coelho. **Depoimento de Daniele Coelho Mateus: Projeto Garimpando Memórias.** Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

MATTO, Stefanni Rayane. **Depoimento de Stefanni Rayane Matto: Projeto Garimpando Memórias.** Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

MAZO, Janice Zarpellon; FILHO, Albertp Rinaldo Reppold. **Atlas do esporte no Rio Grande do Sul: atlas do esporte, educação física e atividades de lazer no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: CREF/RS, 2005.

MELLO, Tais Regina. **Depoimento de Tais Regina de Mello: Projeto Garimpando Memórias.** Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

MIRANDA, Carlos Fabre. **Como se vive do atletismo: um estudo sobre o profissionalismo e amadorismo no esporte, com olhar para as configurações esportivas.** 2007. 140f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MOURA, Diego Luz; BENTO, Gilmara dos Santos; SANTOS, Felix Oliveira dos; LOVISOTO, Hugo. **Esporte, Mulheres e Masculinidades. Esporte e Sociedade**, ano 5, n 13, nov.2009/fev.2010.

MOURÃO, Ludmila. Representação Social da mulher brasileira nas atividades físicos- desportivas: da segregação a democratização; **Movimento**, Ano. 07. N. 13. 2000/2

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; **Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re) produzidas pelo site Terra.** Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

NAGI-KUNSAGI, Paulo. **Handebol.** 2. ed. São Paulo: Palestra edições, 1983.

NASCIMENTO, Alexandra; **Entrevista cedida a FoxSport.com;** 2012.

NETTO, Francisco Camargo. **Depoimento de Francisco Camargo Netto:**

Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

PASQUALON, Pietra Gauer. **Depoimento de Pietra Gauer Pasqualon**: Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

PEREIRA, L. M. L.. História Oral: Desafios e Potencial na Produção do Conhecimento Histórico. In: IV **Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**, 1996. Anais do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Belo Horizonte: UFMG/Escola de Educação Física, 1996. v. 1. p. 62-70.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

PFISTER, Gertrud. **Gendered Discourses and Enactments in Team Handball- an Historical Approach**. (No prelo)

PRONI, Marcelo Weishaupt. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente para uma história recente do esporte-espetáculo. **CONEXÕES**, Campinas, v. 01, n. 01, p. 82 – 94, 1998.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

ROCHA, Hugo Paula Almeida da; BARTHOLLO, Tiago Lisboa; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola; **Motriz**; Rio Claro; v. 17; n. 02; p. 252 – 263, jun. 2011.

ROMERO, Elaine; SILVA, Mauro Cezar Sá da; Refletindo sobre a agressividade e coragem como qualidades aos atletas de handebol; **Esporte e Sociedade**; ano 5, n. 13, 2010.

RÚBIO, Kátia; O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo; **Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**; Barcelona; V. 06, n. 119 (95); Agosto, 2002.

RÚBIO, Kátia. “O imaginário da derrota no esporte contemporâneo.”. **Psicologia & Sociedade**, vol. 18, n. 1, Porto Alegre, p. 86-91, 2006.

SALLES, José Geraldo do Carmo. **Entre a paixão e o interesse - O amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

SANCHEZ, Z. Van der Meer; NAPPO, S. A. Sequência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes. In: **Revista Saúde Pública**,

36(4), p. 420-430, 2002.

SANTOS, Rafael dos. **Depoimento de Rafael dos Santos**: Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

SILVA et al; A Prática do Handebol na Cultura Físico-Esportiva de Escolares do Rio de Janeiro; **Movimento**; v. 17 n. 04, 2011.

SILVA, Joanna Lessa F. Futebol: amadorismo em tempos de Profissionalismo. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v.42, n.1,2011, p. 64-76

SILVA, Laís Bordin da. **Depoimento de Laís Bordin da Silva**: Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

SILVA, Marco Antônio Ferreira da. **Handebol: regras ilustradas, técnicas e táticas**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983.

SILVA, Nadia Lima da; FERREIRA, Marcos Santos; PASKO, Vanessa Cerqueira; RESENDE, Helder Guerra de; A Prática do Handebol na Cultura Físico-Esportiva de Escolares do Rio de Janeiro; **Movimento**; v. 17 n. 04, 2011.

SILVA, Paula; GOMES, Paula Botelho; QUEIRÓS; Paula;. Género e desporto: a construção de feminilidades e masculinidades; **Revista Digital, Buenos Aires**, Ano 11, n.90, mayo, 2006.

SILVA, Rafael Bertemes. **Análise e comparação do conhecimento dos atletas de handebol de Florianópolis sobre as regras de handebol**. Florianópolis, 2004 (Monografia de graduação) – UDESC.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. 2013. 320 f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação Física, esporte e diversidade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

TEIXEIRA, André Gustavo Alves; MYOTIN Emmi. Cultura Corporal das Meninas: Análise sob a Perspectiva de Gênero. **Revista Motriz** – Volume 7 – Nº1 – 2001/1.

TENROLLER, Carlos Alberto. Handebol: teoria e prática. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, Samara da Silva. **Depoimento de Samara da Silva Vieira**: Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte –

Esef/UFRGS, 2014.

VINHAS, Átila Machado; **Handebol**; Bagé; Edifunda, 1988.

WEISSHEIMER, Larissa. **Depoimento de Larissa Weissheimer**: Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/UFRGS, 2014.

APÊNDICE A - ROTEIRO PARA ENTREVISTAR AS ATLETAS

1. Caracterização das atletas

Nome:

Idade:

Cidade e estado de origem:

Grau de escolaridade:

E-mail e telefone para contato:

Tempo dedicado ao Handebol:

2. Conte um pouco da sua história com o Handebol?

3. Em quais outros clubes você já jogou?

4. Você vive/ já viveu exclusivamente do Handebol?

5. Qual o salário que ganha/ganhava, quais outros benefícios e as outras fontes de recursos para viver de Handebol? (se a pessoa se sente a vontade para falar sobre)

6. Você já teve ou tem o benefício do Bolsa Atleta?

8. Você já serviu à Seleção Brasileira (em qual categoria)?

5. Quais os benefícios de servir à seleção?

6. O que o Handebol já proporcionou a você de bens materiais?(não materiais)

7. Como você ingressou no Handebol e quando considerou ter passado do Handebol de lazer para o Handebol de rendimento?

8. Como se deram as suas transferências entre os clubes pelos quais você passou e como se dão normalmente as formas de circulação/transferência das atletas entre os clubes?

9. Como sua família encarou a escolha de você viver de Handebol?

10. Como é a rotina de treinamentos durante a semana (tempo de treino, como são divididas as sessões, qual a infraestrutura utilizada para os treinos)?

11. Como é a rotina nos dias de jogos (faz concentração, tira folga no dia após o jogo, qual o tempo dedicado à preparação para o jogo)?

12. Como você vê a relação e o interesse do público com o Handebol feminino?
13. Como você vê a relação e o interesse dos meios de comunicação (principalmente TV, rádio e jornal) com o Handebol feminino?
14. Qual a maior frustração e o maior sonho que você tem em relação ao Handebol?
15. Existem diferenças entre Handebol masculino e Handebol feminino. Quais que você gostaria de destacar? (técnicas, estruturais, econômicas, regras, competições, clubes, torcidas, atletas, físicas...)?
16. Na sua opinião, o que deveria ser feito no Brasil para que o Handebol feminino fosse mais valorizado/transmitido/remunerado? (depende da resposta anterior)
17. Como você vê as estratégias de *marketing* para a visibilidade do Handebol (em específico o feminino)?
18. Na sua opinião, o que te defini como uma profissional do Handebol?

APÊNDICE B - ROTEIRO PARA ENTREVISTAR TREINADORES

E-mail e telefone para contato:

GERAL:

1. Caracterização do treinador:
 - 1.1. Nome:
 - 1.2. Profissão:
 - 1.3. Formação:
 - 1.4. Tempo dedicado ao Handebol:
 - 1.5. Tempo dedicado ao clube/equipe:
2. Conte um pouco de sua trajetória no Handebol, como iniciou no esporte (foi atleta/ treinador, etc.)
3. Atualmente se dedica apenas ao trabalho com o Handebol feminino ou tem outros empregos/trabalhos?
4. Em que situação ocorre sua atuação profissional no momento?
5. Nos clubes/times em que trabalhou e trabalha, como você vê a possibilidade de as mulheres se dedicarem ao Handebol como possibilidade de trabalho/profissão?
6. Qual a principal dificuldade enfrentada pelas profissionais que pretendem viver do Handebol?
7. Como é a presença do público nos jogos de Handebol feminino?
8. Existe interesse do público em geral pelo Handebol feminino? Por quê?
9. Como é a relação entre o Handebol feminino e os meios de comunicação (televisão, rádio e jornal principalmente)?
10. Como você vê o papel da Federação Gaúcha de handebol e a Confederação Brasileira de Handebol no cenário do Handebol Feminino?
11. Como você as estratégias de *marketing* para a divulgação do Handebol feminino?
12. Em sua opinião, o que poderia ser feito para que o Handebol se constitua em uma possibilidade concreta de profissão para a mulher e para que a modalidade tenha seu espaço no cenário esportivo brasileiro?

ANEXO A - CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, _____

CPF nº _____, declaro, ceder ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Projeto Garimpando Memórias.

O Centro de Memória do Esporte fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do depoente